



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JAILSON DE SOUSA VALENTIM

“BRASIL, O PAÍS DO FUTEBOL”: política, sociedade e futebol nas páginas dos jornais
O Dia e Jornal do Piauí no período do Governo Médici (1969-1974)

PICOS – PIAUÍ

2016

JAILSON DE SOUSA VALENTIM

“BRASIL, O PAÍS DO FUTEBOL”: política, sociedade e futebol nas páginas dos jornais
O Dia e Jornal do Piauí no período do Governo Médici (1969-1974)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal do Piauí, como requisito
obrigatório para a obtenção do título de
Licenciado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Nilsângela Cardoso
Lima

PICOS – PIAUÍ

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

V155b Valentim, Jailson de Sousa

‘Brasil, o país do futebol’: política, sociedade e futebol nas páginas dos jornais *O Dia e Jornal do Piauí* no período do Governo Médici (1969-1974) / Jailson de Sousa Valentim. – 2016.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (89 f.)

Monografia(Licenciatura Plena em História)- Universidade Federal do Piauí., Picos, 2016.

Orientador(a): Prof.^a Dra. Nilsângela Cardoso Lima

1. Brasil-História. 2. Brasil-Sociedade. 3. Brasil-Governo Médici-1969-1974. I. Título.

CDD 981



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
Campus Senador Helvídio Nunes de Barros
Coordenação do Curso de Licenciatura em História
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032 e-mail: coordenacao.historia@ufpi.br

ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA

Ao primeiro (01) do mês de Março de 2016, na sala do Laboratório de Ensino de História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, reuniu-se a Banca Examinadora designada para avaliar a Defesa de Monografia de **Jailson de Sousa Valentim** sob o título **“BRASIL, O PAÍS DO FUTEBOL”: política, sociedade e futebol nas páginas dos jornais *O Dia* e *Jornal do Piauí* no período do Governo Médici.**

A banca constituída pelos professores:

Orientadora: Profª Drª Nilsângela Cardoso Lima

Examinador 1: Prof. José Elierson de Sousa Moura

Examinador 2: Prof. Me. Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

Suplente: Profª Ma. Luciana de Lima Pereira

Deliberou pela Aprovação do (a) candidato (a), tendo em vista que todas as questões foram respondidas e as sugestões serão acatadas, atribuindo-lhe uma média aritmética de 10,0.

Picos (PI), 01 de Março de 2016

Orientador (a): Nilsângela Cardoso Lima
Examinador (a) 1: José Elierson de Sousa Moura
Examinador (a) 2: Fábio Leonardo Castelo Branco Brito

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me conceder as forças necessárias que me impulsionaram às realizações das atividades diárias e acadêmicas. A Ele, meu Amigo Fiel, me ajudando até aqui dando as energias imprescindíveis para que eu, além da possibilidade de permanecer de pé, driblasse uma série de dificuldades enfrentadas. A Ele, por ser a razão da minha existência e por me proporcionar alegrias, dentre elas, o afeto pelo futebol que se tornou um “companheiro” desde o início do curso. E a essa nova etapa da minha vida, por sua vez, não imaginei que seria tão comprida e curta ao mesmo tempo.

Ao iniciar a graduação, parecia que essa caminhada seria muito longa. Sem perceber, essa temporada passou tão rápido que nem entendi os porquês de tudo ter acontecido tão de pressa. E diante dessa causalidade, discorrer sob os agradecimentos torna-se um momento um tanto delicado: e se eu não me lembrar de todo mundo? Por isso, começo, em minhas curtas palavras, agradecendo a todos os contribuintes que influenciaram na construção do meu trabalho indiretamente no começo, meio e, apesar de ser apenas uma primeira etapa do “campeonato acadêmico”, o fim.

Agradeço ao Ms. Raimundo Nonato Lima dos Santos, amigo e professor sempre exigente e ponderado. Em suas palavras, além ter me ajudado na escolha dessa temática estudada, fui constantemente advertido que as paixões eram inconvenientes ao trabalho científico. Nesse sentido, eu não seria um amante do futebol, mas um historiador. Não sei se consegui atingir essa consciência. Mas, se alcancei, devo isso à minha orientadora. Por isso, agradeço à Profa. Nilsângela Cardoso Lima pela confiança depositada em mim e no meu projeto. Pelas inúmeras conversas e trocas de e-mails, apontando críticas e sugestões vitais para o desenvolvimento do trabalho. Seu olhar minucioso na orientação me serviu como “bolas lançadas” na área que me “deixaram na cara do gol”. E se nesse primeiro/último passo acadêmico obtive algum mérito devo isso a você. Obrigado!

E nesse difícil “campeonato”, da construção da monografia, não posso se esquecer, e agradecer pelas assistências dadas por meus amigos José Rodney Leal Brito, Rogério Nunes, José Elierson e José Paulo.

Por fim, reflito: de que seria um jogador sem as contribuições da sua torcida?! Em outras palavras, de um historiador em fase final de curso sem a força emocional depositada por sua família?! Com certeza nada! Agradeço ao meu Pai, Juraci José Valentim, à minha mãe, Maria de Fátima de Sousa Valentim, à minha irmã, Juciara de Sousa Valentim, e ao meu

sobrinho Bruno Sousa Rodrigues. Sou imensamente grato pelo apoio, e, por eu ser fruto dessa relação familiar, dedico essa conquista a vocês. Amo todos!

Em futebol, o pior cego é aquele que só vê a bola.

Nelson Rodrigues

RESUMO

O presente trabalho tem por interesse fazer um estudo sobre o futebol e a política brasileira, tendo como ponto de partida a relação existente entre a seleção brasileira e a ditadura-civil militar durante a Copa do mundo de 1970. Através da análise das matérias jornalísticas publicadas nos jornais *O Dia* e *o Jornal do Piauí*, publicadas nas edições de 01 de janeiro a 01 de julho de 1970, e do uso do referencial teórico e bibliográfico que tratam sobre o tema, faz-se uma análise do contexto sócio-histórico e político-econômico da administração do Governo Médici (1969-1974), momento em o país vivia os “anos de chumbo”, mas, também, período em que se realizava um dos maiores eventos esportivos do mundo, ou seja, a Copa do Mundo, no México. O futebol que, de início, era praticado pelas elites como momento de lazer, exibicionismo e distinção social, com o tempo, foi utilizado por grupos sociais marginalizados como estratégia para uma melhorar sua condição socioeconômica. Com a “popularização” do futebol no Brasil, no início do século XX, o esporte ganhou admiração de muitos brasileiros, e durante o governo civil-militar no país essa modalidade esportiva recebeu atenção especial. Isto acabou se tornando como uma estratégia para construção de uma imagem positiva do regime ditatorial e do próprio Brasil, de maneira que os meios de comunicações foram utilizados pelos seus proprietários para promoção de uma propaganda (des)velada do governo de Médici. Nesse sentido, a presente monografia analisa, também, de que maneira as matérias jornalísticas do *Jornal do Piauí* e *O Dia* interessavam a ditadura civil-militar através da Copa do mundo de 1970.

Palavras-chave: História. Futebol. Copa do mundo de 1970. Ditadura civil-militar. Governo Médici.

ABSTRACT

This work has the interest to do a study on football and Brazilian politics, taking as its starting point the relationship between the national team and the military-civilian dictatorship during World Cup 1970. Through analysis of published news stories the newspaper O Dia and Jornal do Piauí, published in the editions of January 1 to July 1, 1970, and the use of theoretical and bibliographic references that deal with the subject, it is an analysis of the socio-historical and political context -economic administration of government Medici, when the country was the "years of lead", but also the period in which it was in one of the biggest sporting events in the world, namely the world Cup in Mexico. The football that at first was practiced by the elites as leisure time, exhibitionism and social distinction, in time, was used by marginalized social groups as a strategy for improving their socioeconomic status. With the "popularization" of football in Brazil, in the early twentieth century, the sport has gained admiration of many Brazilians, and during the civil-military government in the country this sport received special attention. This turned out to be as a strategy to build a positive image of the dictatorship and Brazil itself, so that the communications media were used by their owners to promoting advertising (un) veiled the Medici government. In this sense, this thesis also analyzes how the news reports the Jornal do Piauí and Day interested civil-military dictatorship through the 1970 World Cup

Keywords: History. Soccer. World Cup 1970. civil - military dictatorship. government Medici.

LISTA DE IMAGENS

| | |
|--|-----------|
| Figura 1: “O futebol e as elites eram inseparáveis”: Torcedores elegantes no Velódromo..... | 26 |
| Figura 2: Coluna “Notícias Diversas” | 67 |
| Figura 3: Alegria do Brasil no México..... | 68 |
| Figura 4: Inimigos do Brasil são trocados pelo Embaixador..... | 77 |

LISTA DE SIGLAS

CBD – Confederação Brasileira de Desportos

IPES – Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais

PCB – Partido Comunista Brasileiro

AERP – Agência Especial de Relações Públicas

FIFA – Federação Internacional de Futebol

CAMDE – Campanha da Mulher Pela Democracia

LIMDE – Liga da Mulher Pela Democracia

UCF – União Cívica Feminina

SUMÁRIO

| | |
|---|--------------------------------------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 12 |
| 2 DO EXCLUSIVISMO À POPULARIDADE: A PRÁTICA DO FUTEBOL NO BRASIL DE 1894 A 1920..... | 19 |
| 2.1 Início do futebol no Brasil | 19 |
| 2.2 Friedenreich e o futebol usado como estratégia para uma melhor condição socioeconômica..... | 29 |
| 3 DITADURA CIVIL-MILITAR E A COPA DO MUNDO DE 1970: MOMENTOS DE TENSÕES E “PROSPERIDADE” | 42 |
| 3.1 Ditadura civil-militar no Brasil..... | 42 |
| 3.2 Médici e a televisão: símbolos do progresso? | 49 |
| 4 COPA DO MUNDO DE 1970 E O GOVERNO MÉDICI NAS PÁGINAS DO JORNAIS <i>O DIA</i> E <i>JORNAL DO PIAUÍ</i> | 58 |
| 4.1 “Brasil, ame-o ou deixe-o”: “João Sem Medo” foi demitido da seleção brasileira..... | 59 |
| 4.2 <i>O Dia</i> e <i>Jornal do Piauí</i> : propaganda (des)velada do governo Médici no período da Copa do Mundo de 1970..... | 73 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 81 |
| REFERÊNCIAS | 84 |
| TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA “JOSÉ ALBANO DE MACEDO” | Erro! Indicador não definido. |

1 INTRODUÇÃO

Não demorou muito para o futebol se tornar popular em toda a sociedade e em menos de um século, o esporte mais popular do planeta. E ao mesmo tempo em que se difundia e popularizava, o futebol se institucionalizou. De fato, foi o crescimento como espaço de sociabilidade que o transformou também em um espaço de interesses políticos.¹

Segundo Magalhães (2013), o futebol é o esporte mais praticado do mundo. No Brasil, a prática esportiva se “popularizou”² e tornou possível de se estabelecer através dos espaços de sociabilidades constituindo um hábito para os brasileiros. É durante realização da Copa do mundo, em 1970, que se observa o crescimento das expectativas sobre o futebol. Grande parte da nação brasileira torcia pela seleção “verde e amarela” cantando hinos e levantando bandeiras, uma “euforia popular”. Nessa demonstração de nacionalismo, as ruas são enfeitadas e os debates sobre o futebol aumentam. Os meios de comunicação, por sua vez, transmitem as partidas de futebol mobilizando os torcedores para acompanharem através dos aparelhos de televisão ou do rádio os lances que ocorrem dentro do campo esportivo, e fornecem informações sobre a Copa do mundo. De maneira geral, a mídia informava à sociedade sobre os acontecimentos que envolviam a atuação dos atletas e treinadores, resultados das partidas etc.

Entende-se que o futebol, enquanto prática social, por exemplo, pode servir como um “campo de estudo” para o historiador, especialmente, no momento em que o esporte ganha importância sociocultural, econômica e também na área da política. Essa interferência serve como uma possibilidade do historiador entender determinada sociedade num determinado contexto histórico.

A historiadora Maria Helena Rolim Capelato (1996), na sua obra *Historia Política*, ressalta que: “O tema da participação política é chave para a compreensão da história brasileira. Visto pela perspectiva da longa duração, pode contribuir para esclarecer muitas outras coordenadas dessa história, permitindo melhor compreensão da cultura política do

¹ MAGALHÃES, 2013, p. 37

² É bem verdade que o futebol se disseminou pelo Brasil, e é um esporte praticado por grande parte dos brasileiros independentemente da idade, sexo ou etnia. No entanto, os atos de discriminação por raça ou opção sexual dos jogadores e, ainda, a exclusão da participação das mulheres nos grandes campeonatos país, por exemplo, torna-se uma popularidade relativa. Por isso, todas as termologias de “popular,” nesse trabalho, foram utilizadas entre aspas.

passado para poder construir algo novo no presente”.³ Nessa mesma linha de pensamento, no artigo “*Por que a história política?*”, René Rémond (1994) acentua:

A história, a meu ver, faltaria com uma de suas funções se não assegurasse uma compreensão do presente, uma inteligibilidade dos problemas com os quais nos defrontamos. Acredito que hoje em dia a causa esteja ganha. Está comprovado que não é impossível para os historiadores distanciarem-se de seus preconceitos. Em consequência, o passado, mesmo aquele mais próximo, encontra-se reintegrado, incorporado ao domínio da história.⁴

Apesar de ser bastante difundido através do ditado popular que “Futebol e política não se discute”, atualmente, são dois temas muito comentados nas conversas informais, assim como pela cobertura da mídia; e considera-se que futebol e política devem ser estudados numa pesquisa em História. Em 1970, a seleção brasileira participaria da Copa do mundo no México⁵, exibindo um futebol competitivo representado por Pelé e companhia, que disputaria a sua nona participação neste campeonato mundial. Nesse período, o Brasil vivia o auge da ditadura civil-militar, administrada politicamente por Emílio Garrastazu Médici. Era os chamado “Anos de Chumbo”. Boa parte da mídia destacava matérias jornalísticas com assuntos que abordavam sobre o Governo Médici e a seleção brasileira.

Nota-se que havia certo interesse da mídia de publicar discursos sobre o Governo Médici aliado à seleção brasileira a fim de construir uma imagem positiva para a ditadura civil-militar. De acordo com Ferreira⁶, “[...] é o lugar onde se articula o social e sua representação, a matriz simbólica na qual a experiência coletiva se enraíza e se reflete por sua vez. Com esta demarcação mais ampla do espaço do político”. Marcos Guterman (2006), salienta que “embora sob censura, os jornais registraram, em cores vivas, crise, tensão, júbilo, e manipulação criado em torno da Copa de 70 e do projeto da ditadura”⁷.

A partir do estudo sobre o Governo Médici e a participação da seleção brasileira na Copa do mundo de 1970, e é que foi se delineando o objeto de pesquisa proposto nesta monografia. Para Marieta de Moraes Ferreira (1992, p. 2), o estudo sobre política pode requerer a análise de outros campos. Ferreira (1992), em sua obra *A nova “velha história”: o*

³ CAPALETO, 1996, p. 05.

⁴ RÉMOND, 1994, p. 3.

⁵ De acordo com Napoleão (2012, p. 83), em sua obra *O Brasil de todas as copas*, a seleção brasileira, na Copa do Mundo de 1970, foi composta com base de jogadores do Santos (SP), no Botafogo (RJ) e do Cruzeiro (MG), os três melhores times do Brasil à época. Para muitos, formava-se uma das maiores seleção da história do futebol.

⁶ 1992, p. 2

⁷ GUTERMAN, 2006, p. 6.

retorno da história política, aponta que “[...] as fronteiras que delimitavam o campo do político ampliaram-se significativamente, incorporando novas dimensões e abrindo espaço para o surgimento de novos objetos de estudo”. Com isso, os estudos sobre o social e cultural, por exemplo, não deixa também de serem políticos. Daí, a importância de se estudar a imagem do Governo Médici relacionada ao futebol que foram publicadas pela imprensa piauiense no período da Copa do mundo de 1970.

Nesse sentido, esta monografia aborda a imprensa piauiense se apropriou do futebol no período da Copa do mundo de 1970 para construir a imagem de um líder político Emílio Garrastazu Médici; bem como era de seu interesse fazer propaganda positiva do regime civil-militar e, para isso, usava o futebol e os elementos que, direta ou indiretamente, são constitutivos da identidade nacional para construir o imaginário de uma “nação unida”. O trabalho tem como objetivo analisar como os jornais impressos de Teresina, *O Dia*⁸ e *Jornal do Piauí*⁹, e as suas veiculações de notícias no auge da relação entre futebol e política no Brasil¹⁰.

O recorte temporal da pesquisa está dividido em dois momentos: chegada do futebol ao Brasil à sua “popularização” e o Governo Médici no período da Copa do mundo de 1970. O primeiro recorte se inicia, em 1894, quando o futebol chega ao Brasil sendo praticado por uma minoria elitista, branca; só posteriormente, devido à mudança na legislação que regia a formação das equipes, é que houve a participação de jogadores de outros grupos sociais e a profissionalização desse esporte no ano 1920. No século XX, com a disseminação do futebol pelo país e praticado por muitos jogadores, a prática esportiva torna-se cada vez mais admirada pelos brasileiros.

O segundo recorte temporal debruça-se para o período de 01 de janeiro a 01 de julho de 1970, quando analisamos os jornais *O Dia* e *o Jornal do Piauí* e suas matérias jornalísticas com temas voltados para a Copa do mundo de 1970, além dos jogos que foram disputados de

⁸ Segundo Oliveira (2007), o jornal “O Dia”, no Estado do Piauí, foi fundado no ano de 1951 e teve como diretor e proprietário, até o ano de 1963, Raimundo Leão Monteiro. Estabeleceu na cidade de Teresina, desde a sua fundação, podendo ser classificado como um jornal de grande circulação, pois era lido pelas principais do Estado, como Teresina e Parnaíba. Apesar de nos seus primeiros anos de fundação poderia ser classificado de pequena imprensa, a partir de outubro de 1963 o jornal passa a ter uma outra orientação, ou linha editorial. E assume o sentido de “Grande Imprensa”.

⁹ De acordo com Lima (2014), em Teresina, circulou em 30 de setembro de 1951 a primeira edição do “Jornal do Piauí”, idealizado pelo empresário e político Antônio de Almendra Freitas, irmão do governador Pedro Freitas, à época, Presidente do PSD do Piauí. O jornal circulou até 1995, perfazendo quarenta e quatro anos de história da imprensa e do jornalismo.

¹⁰ GUTERMAN, 2006, p. 06.

31 de maio a 21 de junho. O recorte temporal foi alargado para se analisar as notícias relacionadas ao Governo Médici e à seleção brasileira, tanto antes da competição quanto na ocasião das comemorações pelo título mundial após a Copa do mundo de 1970. Nesse período, o esporte já era admirado não apenas pelos piauienses, mas por muitos cidadãos e políticos brasileiros que, por sua vez, considerava o futebol como esporte popular e importante para a formação da identidade brasileira. Por isso, era inegável que o futebol, no período da Copa de 1970, passasse incólume pela mídia e pela assessoria de imprensa do governo civil-militar que passou a utilizá-lo como uma estratégia discursiva para se beneficiar.

Para tanto, foi necessário lançar mão de um referencial teórico e bibliográfico. Para entender a disseminação da prática do futebol entre diferentes grupos sociais, foi necessário compreender a relação existente entre a mídia e o governo civil-militar através da Copa do mundo de 1970. Entre os autores que pesquisam sobre o futebol no Brasil, destaca-se o historiador Marcos Guterman (2010), que pesquisa o futebol, sociedade e política, desde a chegada do esporte ao Brasil, em 1894, analisando a relação com o esporte e a ditadura civil-militar. A obra trata os principais acontecimentos no século XX, no Brasil. No seu livro *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*, de sua autoria, foi de grande relevância para entender, especialmente, os “primeiros passos” do futebol no país sobre as apropriações das elites.

Sobre a prática do futebol e a presença das elites nos estádios, a questão destacada por Nicolau Sevcenko (1998). O historiador, em sua obra intitulada *História da Vida Privada no Brasil 3*, reflete sobre os hábitos dos torcedores ao assistirem as partidas de futebol e pontua a necessidade deles se adaptarem às exigências da modernidade e do exibicionismo através da moda. O historiador Wilson Roberto Gambeta (2013), em sua pesquisa sob o Velódromo Paulista, afirma que, além dos homens, as mulheres frequentavam as arquibancadas. Em sua tese *A bola rolou: o Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol 1895-1916*, nota-se a presença das mulheres nos estádios desfrutando do seu momento de lazer. Estes autores compartilham da ideia de que os estádios de futebol, do final do século XIX e início do século XX, eram ambientes de lazer e foi apropriado pelas elites paulistas para, além da prática esportiva amadora, a possibilidade do exibicionismo e distinção social.

Para compreender a exclusão dos mulatos e negros, recorreremos a sociólogo Renato Ortiz (2006). Em seu livro *Cultura brasileira e identidade nacional*, ele aponta que

intelectuais brasileiros classificavam a Europa como um lugar superior e Brasil como inferior, por considerar que o “atraso” brasileiro se dava, principalmente, devido à raça negra. O final do século XIX foi marcado por mudanças sociais. Leonardo Affonso de Miranda Pereira (2000), em seu livro *Footballmania*, afirma que a limpeza das cidades como iniciativa de unir a ideia de saúde à beleza teve consequências sociais. A aplicação das medias higiênicas resultou no empurrão da população pobre das cidades para os subúrbios.

No início do século XX, predominava o exclusivismo elitista sobre a prática do futebol nas duas primeiras décadas quando o futebol chega ao país, porém, só passou a ser modificado a partir de 1909. Sujeitos de outros grupos sociais também passaram a praticar o futebol, entre eles, Friedenreich. Para entender essa nova fase do futebol, analisamos a dissertação intitulada *Friedenreich e a Reinvenção de São Paulo: o futebol e a virada na metrópole*, de autoria de Gonçalves Júnior (2006). Nessa dissertação, o pesquisador considera que o jogador Friedenreich contribuiu significativamente para a popularização do futebol no Brasil. Logo, ao ascender-se socialmente, Friedenreich teria estimulado vários sujeitos de grupos sociais distintos a praticar o futebol como uma estratégia para alcançar uma vida financeira melhor e, com isso, arriscar uma “igualdade” social. Assim, o futebol passa a ser admirado por vários grupos sociais por todo o Brasil, independentemente da idade, classe social e/ou etnia.

Este estudo terá como principal fonte de pesquisa os jornais *O Dia*, arquivados na sede do próprio órgão, e o *Jornal do Piauí*, disponibilizado pelo Arquivo Público do Estado do Piauí, ambos de Teresina (PI). Os jornais impressos foram fotografados ao longo da pesquisa realizada, em Teresina, de 27 de abril a 30 de maio de 2015. A análise das matérias, selecionadas a partir do tema proposto, dos jornais impressos *O Dia* e do *Jornal do Piauí* foi orientada pela leitura do trabalho de Marcos Guterman (2006), sua dissertação *O futebol explica o Brasil: o caso da Copa de 70*. Este autor contribuiu de forma significativa para a compreensão das matérias jornalísticas que noticiaram assuntos sobre futebol e política, durante a Copa do mundo de 1970. Analisamos também construção da imagem do Presidente Médici, a propaganda positiva ao regime ditatorial e o imaginário de “nação unida” construído a partir da identidade brasileira vinculada ao futebol.

No período da ditadura civil-militar brasileira todas as questões sociais, na avaliação dos militares, deveriam ser monitoradas pelo regime. Assim, a seleção brasileira que recebeu atenção especial durante o governo civil-militar. João Fernando Pelho Ferreira (2011), aponta

a presença dos militares na preparação da Seleção Brasileira para a Copa do mundo de 1970. Nas análises de Livia Gonçalves Magalhães (2013), Igor Chagas Amazarray (2011), Vitor dos Santos Canele (2014) notou-se a influência do Presidente Médici na demissão do treinador comunista João Saldanha.

Como a política é um dos eixos teóricos dessa monografia, não poderia ficar de fora os estudos sobre a Nova História Política. Para tanto, compreende-se que as contribuições do teórico René Rémond¹¹ são fundamentais, sobretudo, porque entende que os objetos de pesquisa na História “[...] poucos domínios escapam da política [...]”. Não obstante, também consideramos importante o trabalho de Angela Castro Gomes¹², *Política: história, ciência, cultura e etc*, quando afirma que “a história política tem, de forma intensa e constitutiva, fronteiras fluidas com outros campos da realidade social, especialmente com as questões culturais, na medida em que as interpretações políticas abarcam tanto fenômenos sociais quanto conjunturais”.

Em 1970, ano da Copa do mundo, representou no auge do autoritarismo contra os comunistas, conforme destaca Carvalho (2014). Nesse período de tensões sociais e de novidades, Magalhães (2013) e Rocco Júnior (2003) contribuíram para entender o impacto da televisão para parte dos brasileiros, e pela transmissão dos jogos da seleção brasileira na Copa do mundo de 1970, no México. Além da televisão, os jornais locais também publicaram informações sobre o assunto para os piauienses. Os jornais *O Dia* e *Jornal do Piauí*, além de outros órgãos de imprensa, prestaram esse serviço para a população. Para entender o posicionamento político e partidário destes jornais, recorreremos, respectivamente, aos trabalhos de pesquisa das historiadoras Nilsângela Cardoso Lima (2014) e a Marylu Alves de Oliveira (2007).

A monografia foi estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo intitulado *Do exclusivismo à popularidade: a prática do futebol no Brasil de 1894 a 1920* é feita uma abordagem historiográfica discorrendo sobre a maneira como o futebol passou a ser realizado por grupos sociais no Brasil. Com isso, o capítulo foi organizado em dois tópicos: “Início do futebol no Brasil” e “Friedenreich e o futebol usado como estratégia para uma melhor condição socioeconômica”. De modo geral, faz uma apresentação sobre a introdução do futebol no Brasil, trazido por Charles Miller, e a maneira em que esse esporte foi utilizado

¹¹ 1994, p. 07

¹² 1996, p. 7

pelas elites e, posteriormente, por grupos sociais marginalizados o que possibilitou a sua “popularização”.

O segundo capítulo foi intitulado *Ditadura civil-militar e a Copa do mundo de 1970: momentos de tensões e “prosperidade”*. Nele procurou-se discorrer sobre o início da ditadura civil-militar no Brasil, realizada através de um golpe que contou com a participação de civis. Foi analisado também a divulgação de propagandas no regime militar e como o Governo Médici foi destacado nas matérias jornalísticas durante a Copa do mundo de 1970, nas transmissões da competição via televisão. Além de entender sobre a considerável popularidade do Regime Militar na época. Respectivamente, tais assuntos são abordados ao longo dos três tópicos que compõem este capítulo, sendo eles: “Ditadura civil-militar no Brasil”, “Médici e a televisão: símbolos do progresso?” e “A popularidade do Governo Médici e o “Brasil: ame-o ou deixe-o””.

Finalmente, o terceiro capítulo, de título *Copa do mundo de 1970 e o Governo Médici nas páginas dos jornais O Dia e o Jornal do Piauí*, foi reservado para analisar a interferência do Governo Médici na seleção brasileira que disputaria a Copa do mundo de 1970 e a forma com que a imprensa piauiense, através dos jornais *O Dia* e *Jornal do Piauí*, reproduzia matérias jornalísticas que interessavam o regime militar, destacando assuntos políticos, sociais e esportivo (futebol). Tais ideias foram organizadas em dois tópicos: “Brasil, ame-o ou deixe-o”: “João Sem Medo” foi demitido da Seleção Brasileira” e “*O Dia* e *Jornal do Piauí*: propaganda (des)velada do Governo Médici no período da Copa do Mundo de 1970”.

Nesta perspectiva, os três capítulos buscam dar conta do que se propõe no título desta monografia, a saber: “*Brasil, o país do futebol*”: *política, sociedade e futebol nas páginas dos jornais O Dia e Jornal do Piauí no período do Governo Médici (1969-1974)*.

2 DO EXCLUSIVISMO À POPULARIDADE: A PRÁTICA DO FUTEBOL NO BRASIL DE 1894 A 1920

2.1 Início do futebol no Brasil

A entrada do futebol no Brasil se dá no final do século XIX. Desde então, a prática esportiva sofreu uma série de modificações e aplicação de novas regras¹³, mas, nem por isso, perdeu todas as características criadas por seus inventores, os ingleses. Segundo Marcos Guterman (2006), o futebol, da maneira como o conhecemos, foi uma invenção inglesa cujo desenvolvimento coincidiu com o fim da guerra civil de meados do século XVII.

Todavia, autores como Franzini (2009) questiona o pioneirismo do futebol como uma invenção propriamente dos ingleses, considerando que a bola esteve presente em diversas sociedades e em diferentes períodos históricos. O referido historiador defende que:

No princípio era a bola. Desde a mais remota antiguidade, os mais diferentes povos já corriam atrás dela: chineses, japoneses, egípcios, gregos, romanos, italianos, normandos, bretões, astecas, guaranis e sabe – se lá quantos outros. Todos eles, ainda que cada qual a sua maneira, fizeram-na peça dos rituais, de confrontos ou, simplesmente de diversão.¹⁴

Para Franzini (2009), é difícil chegar a uma conclusão a respeito dos indivíduos que introduziram os primeiros “chutes”. Ela entende que a concretização da prática de “correr atrás da bola” se deu em diferentes contextos históricos e que, conforme as suas organizações e culturas, ganhavam distintas intencionalidades: utilização das ações como procedimentos religiosos, estratégia para efetivação de combates entre grupos ou, ainda, uso da bola como tática em atos capazes de gerar passatempo entre determinados povos.

O “correr atrás da bola”, entretanto, não se configurava como prática do futebol, propriamente dita, como o conhecemos hoje. Tal prática trazia consigo apenas características semelhantes ao esporte futebol. O historiador Guterman (2006) credita aos ingleses a realização de uma série de medidas importantes para o processo preparatório da prática do futebol a partir da segunda metade do século XIX. Essa fase preparatória teve por finalidade a “adaptação de regras e um sentido de organização cujo objetivo é exatamente, estender no

¹³ Marcos Guterman (2010, p. 23), na obra *O Futebol explica o Brasil*, reflete que dezessete regras são aplicadas no futebol, cujo estabelecimento começou em Cambridge, em 1863, e se estendeu até 1938, para dificultar ao máximo a marcação de um gol.

¹⁴ MENDES apud FRANZINI, 2009, p. 107.

tempo, a sensação de combate”¹⁵. O autor destaca que o “combate” não deve ser entendido no sentido literal da palavra, ou seja, relacionado ao suposto embate violento que traria mortes ou malefícios ao corpo.

Segundo Guterman (2006), a prática esportiva realizada na Inglaterra, ainda no século XVII, era utilizada como estratégia para os participantes exercerem conflitos simbólicos e que não gerassem danos para quaisquer das equipes. Não é por acaso que o futebol está repleto de expressões belicosas, tais como: “matar o jogo”, quando se refere à conclusão da partida; “fuzilar” ou “tiro”, ou seja, chutar a bola fortemente; e em disputa esportiva importante vira “guerra”. Entretanto, é inviável se pensar numa única argumentação acerca do real sentido da organização das regras do futebol.

De acordo com Augusto¹⁶, essas regras têm como finalidade “ordenar a atividade e, complexificando sua ação ou seu objetivo, introduzindo o uso da ordem, inteligência e habilidade”. Ou seja, ao realizarem a prática esportiva dentro dos seus regulamentos, seria estimulada nos atletas a “autoconsciência disciplinável”. Compreende-se que essa atividade esportiva capacitaria o homem a adquirir habilidades essenciais na formação do ser humano, tornando-se um instrumento de desenvolvimento moral. O historiador Lucas Santos Café (2013) também afirma que a atividade esportiva tinha relevância moralizadora, pois fornecia um espaço ideal para se divulgar os princípios de coletividade, bom senso, disciplina e produção.

Café (2013), no capítulo “O sentido elitista do futebol” da obra *Dos simpaticíssimos aos incivilizados: a formação do cenário futebolístico na cidade de Salvador (1895-1918)* aborda que, no século XIX, o futebol foi apropriado pelas elites inglesas como tentativa de controle das camadas mais pobres. O historiador assegura que “a pedagogia elitista inglesa do período passou a utilizá-lo como um espaço de divulgação de seus ideais, de suas regras, com o objetivo de educar os futuros dirigentes do país, e, principalmente, controlar as camadas trabalhadoras”¹⁷. Nesse sentido, a prática esportiva teria a finalidade, além da transmissão de valores, de preparar os membros da elite para assumirem os principais cargos políticos e se tornarem os futuros governantes do país. Em contrapartida, o manejo do futebol por parte da elite inglesa excluía as camadas populares que viviam ainda num regime de opressão por seus

¹⁵ GUTERMAN, 2006, p. 22

¹⁶ 2006, p. 5

¹⁷ CAFÉ, 2013, p. 26.

padrões, ao tempo em que pretendia controlá-las porque temia revoltas. Nesse cenário inglês, a atividade se popularizou e se espalhou pelo mundo.

Com a consolidação das regras e a popularização do futebol na Inglaterra, no século XIX, Silva (2009) destaca que o futebol espalhou-se pelo mundo devido à grande presença do capitalismo inglês. Nesse período, a Inglaterra já exportava seus produtos, o que lhe possibilitou um vantajoso crescimento econômico. Além da sua importância econômica, verifica-se que o país se tornava referência por razões dos investimentos na área educacional, pois possuía importantes escolas e universidades. Essas instituições ofereciam o conhecimento intelectual para os estudantes através da educação formal e da prática esportiva do futebol com a introdução da disciplina de Educação Física. Com isso, o futebol praticado nesses espaços de ensino formal inglês foi apropriado por diferentes estudantes do mundo.

Os estudantes egressos dos centros educacionais da Inglaterra contribuíram para a divulgação do futebol pelo globo terrestre, inclusive no Brasil, no final do século XIX. Nascimento (2008) lembra que nessa época:

era comum que a elite mandasse seus filhos estudarem no exterior, afim de que tivessem contato com “a vanguarda” do pensamento europeu, para adquirirem um conhecimento que supostamente não seria possível de se conseguir no Brasil. Quando retornavam ao país, estes jovens traziam consigo, além do conhecimento intelectual, alguns hábitos importados do velho continente. O futebol foi um deles.¹⁸

O autor da fração textual acima elucida sobre a procura pelo ensino europeu, especialmente o inglês, já que a elite brasileira desejava uma educação de qualidade para seus filhos. Essa questão é também problematizada por Guterman (2010).

O historiador Guterman (2010) pontua que, embora São Paulo e Rio de Janeiro já tivessem boas escolas no final do Império e no começo da República, havia um quê exibicionista entre os imigrantes mais ricos e a aristocracia local em mandar seus filhos estudar na Europa. Assim, o autor destaca que a postura elitizada desse grupo social se dá como estratégia por busca de legitimidade, devido ao exibicionismo contido nessa ação. A ideia era, segundo Santos (2012), que essa camada social privilegiada do Brasil se modernizasse tendo como base a vida do europeu num período em que essa elite buscava se espelhar na Europa.

¹⁸ NASCIMENTO, 2008, p. 2.

O sociólogo Renato Ortiz (2006), no capítulo “Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX”, da obra *Cultura brasileira e identidade nacional*, aponta que, no final do século XIX e início do século XX, diversos intelectuais apontavam a “superioridade” da civilização europeia sobre a brasileira no quesito político e ideológico. Essa “superioridade” era destacada como um estágio avançado que, dentro das leis naturais que orientavam a história dos povos, estava à frente dos países latinos, como o Brasil. As explicações científicas que os intelectuais do país buscavam relacionar tinham por base a relação teoria e realidade social para defender a tese de que o “atraso” brasileiro se dava por duas razões particulares: o *meio* e a *raça*.

De acordo com Ortiz (2006), a interpretação da história brasileira escrita no período adquire sentido dentro desses dois conceitos-chave. O *meio* era apontado como uma condição geográfica acidentada que se difere da Europa. A *raça*, por sua vez, considerada como fator mais importante que o meio, seria um aspecto determinante devido à presença de negros que, segundo as reflexões dos sobreditos intelectuais, eram considerados como indivíduos de segunda categoria. Já os brancos eram “superiores” por serem considerados os pivôs da construção da civilização brasileira. Assim, os negros ou demais grupos sociais que se diferenciavam da etnia europeia, seriam os entraves para o desenvolvimento do país.

Dessa forma, o autor considera que na visão da elite brasileira da época, ser brasileiro significaria viver um ambiente geográfico e com indivíduos diferentes da Europa. E já que o “Velho Continente” não poderia ser implantado no Brasil era preciso buscar os hábitos necessários para que a civilização pudesse se socializar tendo como espelho a vida europeia. Por isso, muitas famílias abastadas mandavam seus filhos para a Europa a fim de que pudessem adquirir, além de aspectos de uma vida modernista, a intelectualidade arraigada no modelo de civilização mundial.

Tanto Nascimento (2008) quanto Guterman (2010) afirmam que os estudantes quando retornavam para o Brasil traziam consigo não só os conhecimentos adquiridos nesses centros educacionais, mas, também diferentes costumes, entre eles o futebol. No entanto, é preciso destacar que apesar de a prática se classificar com uma atividade esportiva, também pode ser considerada como um aprendizado cultural, pois mesmo sendo um hábito difundido pelos ingleses, se tornaria bem recebido no Brasil no início do século XX. Um dos principais

responsáveis pela introdução do futebol no país foi o brasileiro de descendência europeia, Charles Miller¹⁹.

Segundo Guterman (2010), Charles William Miller nasceu em São Paulo, em 24 de novembro de 1874. Era filho do ferroviário escocês John Miller e de mãe brasileira Cartola Alexandrina Foz Miller, que era descendente de família inglesa. Charles Miller viajou para a Inglaterra, em 1884, aos nove anos de idade. O brasileiro se deslocou precisamente para cidade de Southampton, onde iniciaria seus estudos na “Banister Court School”²⁰, no período em que o esporte se disseminava pelo país, sendo praticado tanto pelas elites quanto pelas camadas sociais.

Nesse contexto, onde os cuidados com o corpo através das práticas esportivas eram encaixados aos ensinamentos das escolas e universidades, o brasileiro teve os primeiros contatos com a atividade que já era popular no território inglês. De acordo com Gambeta (2013), na Inglaterra, o brasileiro Charles Miller se tornou jogador e atuou, entre 1892 e 1894, pelo “Southampton Football Club” jogando de maneira amadora e profissional²¹.

Em suma, Charles Miller, nos seis anos que manteve contato com a prática esportiva na Europa, conseguiu desempenhar com êxito suas habilidades no futebol a ponto de ser considerado um craque. O historiador Guterman (2010)²², afirma que Miller,

[...] nas partidas em que disputou na Inglaterra, arrancou da assistência “vibrantes, entusiasmos aplausos”, fazendo propagar “célebre de fama”, já que o moço brasileiro torna-se perito do futebol em campos estrangeiros. Incentivo, criou um drible que ainda é famoso, a “chaleira” ou “letra”, em que o jogador toca a bola por traz do corpo com o calcanhar.²³

Charles Miller, em sua temporada da Inglaterra, obteve o reconhecimento dos estrangeiros, especialmente, da grande parte da torcida que acompanhava a atuação do “ponta-esquerda” durante as suas partidas. No país europeu, ele ganhou popularidade não só

¹⁹ GONÇALVES JUNIOR, 2008, p.16

²⁰ Segundo Guterman (2010, p. 16), a família de Miller esperava que ele obtivesse uma formação nesse centro de ensino para entrar na administração dos negócios ingleses em São Paulo.

²¹ De acordo com (Gambeta 2013, p. 203, 204), O “Southampton Football Club” é uma equipe do futebol inglês fundada em 1885, que leva o mesmo nome da cidade situada no sul da Inglaterra. A equipe atuava, inicialmente, de forma amadora no período em que era organizada por missionários da Igreja Católica que transmitiam aos jogadores ensinamentos religiosos com intuito de combater à descrença. Depois disso, em 1894, a equipe se afasta das tradições religiosas e se profissionaliza, à medida que participa de campeonatos oficiais, e devido ao pagamento dos seus jogadores, entre eles, Charles Miller.

²² apud MAZZONI, 1950

²³ GUTERMAN apud MAZZONI, 1950

pela beleza do trato com a bola, mas pela criatividade em campo, o que possibilitou o surgimento de novas jogadas no esporte.

Foi com essas características desempenhadas no futebol do continente europeu que Charles Miller obteve reconhecimento pelos ingleses. No período da sua despedida, recebeu palavras de agradecimentos pela sua personalidade e atuações no esporte. A coluna esportiva “Ariel” da revista *The Southampton Times and Hampshire Express* escreveu, na coluna Comentários, o seguinte:

Charles Miller, o esperto ponta esquerda do *Banister Court School*, deixou, na última sexta-feira, a Inglaterra de retorno ao Cabo (sic). Nunca poderíamos imaginar ter um jogador tão popular e genuíno como Miller, e expressamos nossos votos unânimes de gratidão pelos serviços prestados ao Condado, e desejamos votos de sucesso para um feliz retorno ao seu novo lar. Assim o Conselho deliberou na sua última reunião, e nada mais merecido.²⁴

Na matéria jornalística transcrita acima, percebe-se que o redator cometeu um erro geográfico, pois Charles Miller não retornaria ao Cabo – África do Sul –, mas sim, à sua terra de origem, ou seja, o Brasil. Em 12 de outubro de 1894, Charles Miller regressa para o Brasil após um período de estudos e de uma temporada no futebol onde ele adquiriu experiência atuando no futebol inglês. E, na sua volta, trouxe uma “bagagem cheia”²⁵ de novos conhecimentos, suficientes para a instalação do futebol no Brasil. Conforme Ricalde (2007), o jogador “trouxe com ele uma bola de baixo dos braços, e portando um livro de regras do esporte bretão, apenas ingleses e seus descendentes, além de membros da aristocracia e, em sua maioria formada por universitários, teve o privilégio a mais nova forma de diversão da elite local”²⁶.

Inicialmente, o futebol no Brasil foi uma prática esportiva que se configurou como entretenimento social, sobretudo, da elite brasileira. Os primeiros jogadores²⁷ realizaram jogos de maneira improvisada, pois, até 1894, não havia campeonatos, equipes de futebol ou um espaço adequado para a prática esportiva nesse período. Assim, Miller estaria diante de outra realidade diferentemente daquela experiência vivenciada nas partidas de futebol disputadas na

²⁴ LAAMARALL, Memorial SPAC Charles Miller. Disponível em: <http://netleland.net/tag/banister-court-school>. Acesso em: 15 jan. 2016.

²⁵ Gambeta (2013, p. 14), aponta que Miller, além do futebol, trouxe o Rugby (esporte jogado com as mãos). Segundo o autor, esse fato não é acostumadamente lembrado, pois esse esporte não se firmou por aqui.

²⁶ RICALDE, 2007, p. 11.

²⁷ De acordo com Gambeta (2013, p. 8), além de Miller, os primeiros homens a praticar o futebol foram funcionários da *São Paulo Gas Compani* (empresa brasileira de gás), do *Londo Bank* (banco de atuação no sistema financeiro do Brasil) e da *São Paulo Railwaly* (empresa ferroviária).

Europa. O jogador (e parte da elite) teve que esperar por mais oito anos até a construção do Velódromo Paulistano²⁸, em São Paulo. O velódromo foi o primeiro estádio de futebol do país²⁹.

Com a construção do primeiro estádio de futebol no Brasil, uma parcela da sociedade passou a contar com um local mais apropriado para a prática esportiva. Com isso, parte da elite paulista poderia participar das partidas dentro de um campo esportivo formada por jogadores, e a maioria fora dele, na condição de torcedores. De acordo com Nicolau Sevcenko (1998), o ato de torcer tornava-se uma espécie de comunicação do público com os atletas através do estímulo ao desempenho da prática. Nessa eventualidade:

O “torcedor” não é um espectador passivo, ele incorpora os lances da disputa na sua própria estrutura física e vai reproduzindo em seu corpo, na vibração dos seus sentidos, nas cristações de seus músculos e nervos, cada uma das tensões e reflexos desdobrados no embate, como se ele mesmo estivesse na arena. As competições são espetáculos públicos e quem a eles ocorrem vai atraído pelo desejo de compor um ato coletivo.³⁰

Segundo o que propõe o texto acima, o torcedor, ao acompanhar as partidas de futebol, teria não só a possibilidade de a elite se fazer presente dentro do estádio, como também esse torcedor poderia incorporar nos seus sentidos as ações dos atletas em campo. E essa nova atração na cidade paulistana pode ser analisada na presença dos torcedores nesses ambientes mais apropriados. Guterman (2010) pontua que as arquibancadas do Velódromo, onde ocorreram as primeiras disputas oficiais, estavam sempre cheias de cavalheiros, de senhoras e de senhoritas.

²⁸ Segundo Guterman (2010, p. 17), o primeiro estádio brasileiro foi erguido por encomenda de Antonio Prado Silva. Empresário de vários negócios, inclusive do setor ferroviário, Antonio Prado era neto do Barão de Iguape e herdeiro de uma das famílias mais ricas do Brasil.

²⁹ Idem, 2010, p.16.

³⁰ SEVCENKO, 1998, p. 579.

Figura 1: “O futebol e a elite eram inseparáveis”: Torcedores elegantes no Velódromo (1914).



Fonte: Revista *A Vida Moderna* (In: GUTERMAN, 2010, p. 23).

Pode-se perceber na figura acima uma parcela da elite paulista. Muitas mulheres que se deleitavam na partida de futebol, onde o esporte começava a se tornar uma atração na cidade. Guterman (2010) afirma que essas mulheres se destacavam entre os torcedores, posto que elas ostentavam “riquíssimas *toilettes*”³¹, formando “o adorno da festa”. Logo, as vestimentas eram consideradas relevantes como enfeites nas mulheres que, mesmo não sendo permitida ainda a participação delas como jogadoras nos campos de futebol, tinham papel fundamental com a exibição dos trajes aos seus corpos, nas arquibancadas.

O historiador Wilson Roberto Gambeta (2013), em sua tese *A bola rolou: o Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol (1895-1916)*, aponta que era cada vez mais comum a presença feminina no estádio, de maneira que as mulheres conheciam as regras do jogo e se interessavam pela atividade. As mulheres iam ao estádio sempre acompanhadas pelos seus familiares. Ao final do jogo, elas comentavam quais eram os jogadores quem consideravam mais simpáticos, bonitos e elegantes. Gambeta (2013) também destaca que nem sempre as mulheres estavam interessadas nas partidas ou nos atletas, muitas vezes eram motivadas pelas exibições de suas roupas de luxo.

Dentre essas mulheres, estava a jovem Laura Oliveira que tinha o hábito de notar, na tribuna reservada à família Prado, as últimas novidades da moda parisiense, e no final,

³¹ DICIO. Toilettes são roupas e acessórios agrupados de forma a combinar para serem usados em certas ocasiões. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/toilette>. Acesso em: 01 dez. 2015

observava os desfiles das carruagens logo após os jogos. Nota-se que espetáculo se estendia ao campo de futebol, aos jogos e aos jogadores. “A saída dos jogos era longa, pois o campo era retirado da rua, no interior do terreno, e nós vínhamos a pé por um caminho alto e o pessoal rico, em suas carruagens, com lindos cavalos, na parte baixa e larga que conduzia à rua”³².

Todavia, se percebe no início do século XX o interesse de grande parte das mulheres da elite paulista de, no término das partidas, aproveitar e observar os aspectos que eram positivos da cidade de São Paulo. E esse hábito era proporcionado por razões da criação do estádio. De acordo com Gambeta (2013), no Velódromo Paulistano, os jogadores esperavam um papel específico dos espectadores, especialmente, as senhoritas: “aplausos, amor aos símbolos de agremiação, imitação de exemplos dados em campo, convivência pacífica nas arquibancadas, mas não a participação direta no campo”³³.

Os estádios tornavam-se lugares de recreação para as elites. Nas arquibancadas e fora delas, senhoras e “moças de família” exibiam vestimentas e acessórios da moda daquele período. Na leitura de Sevcenko (1998) verifica-se que as elites de São Paulo, no início do século XX, buscaram legitimar-se através das vestimentas da época, bem como as usavam como símbolo de diferenciação social. E ainda:

O gosto não se refere a nenhum padrão estático ou estável de excelência, mas ao empenho dos recém-chegados às benesses do consumo em se diferenciar e distanciar dos menos afortunados e dos despossuídos, de cujo seio veio. O que passa por gosto é na verdade a moda, que deve mudar sempre para impedir a emulação e, por meio dela, qualquer indesejável identificação.³⁴

Interpretando Sevcenko (1998), nota-se que estar em dia com a moda europeia era uma estratégia usada pela elite brasileira, servindo de exposição do poder aquisitivo com a intenção de se afastar de outros grupos sociais. Dessa maneira, as roupas e os acessórios utilizados pelos homens e mulheres eram expostos nos principais lugares frequentados por essas elites, a exemplo do estádio de futebol.

Nos estádios de futebol do início do século XX, em São Paulo, era comum receber a presença de autoridades públicas, como o presidente da República e os seus respectivos secretários, o prefeito municipal, autoridades policiais, entre outras, que usufruíam daquele

³² GAMBETA, 2013 apud OCTÁVIO, p. 221.

³³ GAMBETA, 2013, p. 131.

³⁴ SEVCENKO, 1998, p. 537-538.

passatempo nas arquibancadas³⁵. As senhoritas também desfrutavam do momento de lazer, entretanto, exclusivamente fora do campo esportivo, por razões de mulheres não serem aceitas nesse esporte como jogadoras. A historiadora Maria Gleyciane Barbosa de Sousa (2015) enfatiza que a possível entrada das mulheres em campo como jogadoras significava a quebra do domínio que os homens possuíam sobre o futebol. Dessa maneira, havia o temor por parte dos homens de que seu “espaço” pudesse ser invadido por “inconvenientes”.

No início do século XX, com a exclusão das mulheres na prática esportiva, parte da elite masculina mantinha restrições sobre o futebol na cidade. Para os jogadores, não havia vínculos remunerados, ou seja, era uma atividade cuja finalidade era o divertimento e o amor ao esporte. Nesse período, o futebol paulista inicialmente era amador e praticado como uma forma de lazer, entretenimento e sociabilidade. Segundo Gonçalves Junior (2008), o futebol ainda sob a influência das elites³⁶, era usado como estratégia de demonstração de ações de um povo educado que, além de buscar a saúde através da atividade, estava atrelado a momentos de exibicionismo.

Ricalde (2007) concorda com as informações dos parágrafos acima e aponta que a prática do futebol era realizada como atividade específica da elite que esbanjava hábitos luxuosos, dentro e fora de campo. Segundo o autor, a primeira década do século XX, em São Paulo:

Os jogos eram um acontecimento social. Os filhos da elite que praticavam a nova modalidade viram-na como um belo passatempo. As vestimentas dos atletas eram dignas de consideração. Um mais elegante que o outro. Na arquibancada via-se somente a nata da sociedade [...]. Depois do *match*, havia o baile nas sedes dos clubes, ou na casa de torcedores ilustres – todos de “boa” família para confraternização e comemoração da vitória. Tudo num ambiente bem familiar; participavam vencidos e vencedores.³⁷

Nas ocasiões de exibicionismo elitista, conforme já enfatizado, as vestimentas de quem ia para os estádios ganhavam relevância ao adornar o cenário composto por uma minoria da sociedade paulista que, após os jogos, realizava bailes como mais um momento de sociabilidade que iniciava dentro do espaço futebolístico. A atividade era apropriada pela elite da cidade que, concomitantemente, percebia o crescimento da prática do futebol em São

³⁵ NEGREIROS, 1992, p.32.

³⁶ Segundo Gonçalves Junior (2008, p. 28), os jogadores eram filhos de senadores, netos de conselheiros, sobrinhos do presidente da república, futuro cônsules, funcionários bancários e filhos da aristocracia agrícola.

³⁷ RICALDE, 2007, p. 12

Paulo. Destarte, o aumento do interesse desse grupo social pela atividade não ficou restrito geograficamente a esse ambiente de jogos e de baile.

A prática desse esporte se expandiu para outras regiões do Brasil. Conforme Guterman (2010), além de São Paulo, os Estados brasileiros Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Bahia e Piauí³⁸ adotaram o futebol entre o final do século XIX e o começo do XX, não exclusivamente com as mesmas características daquele praticado na capital paulista. Esse cenário de crescimento do futebol fez com que as elites paulistas e cariocas se apropriaram cada vez mais dessa prática esportiva, pretendendo que fosse exclusividade desse grupo.

2.2 Friedenreich e o futebol usado como estratégia para uma melhor condição socioeconômica

Após a chegada do futebol no Brasil, em 1894, as duas primeiras décadas do século XX foram importantes para que tal esporte se efetivasse no país. Nesse período, a atividade ficou praticamente restrita à elite brasileira. Esse grupo social, como já foi dito, se apropriou do futebol como meio de exibicionismo, divertimento e amor ao esporte, ainda que praticado de forma amadora no campo esportivo. Porém, a prática esportiva ia além da utilidade de entretenimento, uma vez que era usada como um meio de distanciamento de outras camadas sociais que não frequentavam os estádios de futebol das grandes cidades do país, como São Paulo e Rio de Janeiro. Guterman (2010) destaca que as elites

[...] viam no amadorismo o maior charme do jogo, uma maneira de acentuar o cavalheirismo e a noção de *fair play*³⁹ dos atletas distinguindo-os daquilo que eles viam com os costumes rasteiros da massa de imigrantes iletrados e de ex-escravos – dos próprios operários e desocupados ingleses que haviam criado o futebol.⁴⁰

A segunda metade do século XIX foi marcada por algumas transformações políticas, econômicas e sociais, como a abolição da escravidão, em 1888, o fim do Império e a proclamação da República, em 1889. Trata-se de um período de transição e também de

³⁸ SILVA, Sidney Barbosa. História do Futebol Piauiense. O Parnahyba Sport Club surgiu na cidade de Parnaíba (PI) e é uma das equipes mais antiga do Estado, sendo fundado em 01 de maio de 1913. Disponível em: http://www.campeoesdofutebol.com.br/hist_fut_piaui.html. Acesso em: 15 jan. 2015.

³⁹ FAIRPLAY E COMPETIÇÃO NO ESPORTE. *Fairplay* consiste em deixar de fazer algo benéfico ao competidor ou ao time em situações cuja regra permite fazê-lo, mas o bom senso e a ética não. Abre-se mão da possibilidade de, por exemplo, marcar um gol, em troca do “cavalheirismo” esportivo. Isso ajuda a manter uma atmosfera amistosa, de confiança recíproca entre os adversários em contextos cuja obediência somente às regras, em sentido estrito, pode gerar injustiças flagrantes. Disponível: <http://era.org.br/2012/07/fairplay-e-competicao-no-esporte>. Acesso em: 02 de Dez. de 2015.

⁴⁰ GUTERMAN, 2010, p. 20

mudanças na conjuntura nacional, mesmo que nem sempre significativas para provocar rupturas necessárias ao crescimento e promover o progresso do país. É nesse contexto que a elite paulista, por exemplo, busca se legitimar frente aos outros grupos. Segundo Gonçalves Junior (2008), os discursos progressistas e de civilidade da elite intelectual paulista eram marcantes, inclusive, sobre a prática do futebol como meio de educação. O referido historiador também destaca que:

Se mostrar também no futebol – é questão da boa-educação como elemento fundamental da civilidade. Havia o ideal respeito e conduta exemplar esperado dos atletas, da arbitragem e da torcida. Não se via com bons olhos a violência, o jogo brusco, a deslealdade, tampouco, a torcida ruidosa e pouco disciplinada. Todas essas práticas eram desqualificadas no sentido de deslegitimar a popular no futebol, ao serem estabelecidas com típica daquela gente pobre, negra e mestiça (GONÇALVES JUNIOR, 2008, p. 23)

Gonçalves Junior (2008) e, depois dele, Guterman (2010) deixam claro nos seus respectivos estudos que a elite brasileira buscava, discursivamente, apresentar o futebol como algo positivo para a sociedade, uma vez que poderia lhe proporcionar “bons costumes”, seja dentro do campo, demonstrando e adotando comportamentos ditos civilizados características de uma sociedade moderna, seja fora do estádio através de práticas socioculturais com pretensão de se diferenciar dos demais grupos sociais, especialmente, ex-escravos, mulatos e operários. A ideia era se distanciar/diferenciar.

Na obra *Footballmania*, Pereira (2000) aponta que a prática do futebol no Brasil ganhou mais força a partir do momento em que foi inserida nas escolas através das atividades de Educação Física. Sua inserção no currículo escolar tinha como justificativa as questões relacionadas ao corpo, à higiene e à saúde, preocupações que se faziam presentes no discurso médico e higienista decorrente do processo de urbanização das cidades brasileiras e sua modernização. A prática esportiva estava pautada nos princípios de flacidez física, destacando o cuidado com o corpo e a moral do indivíduo. Tornando-se quase uma unanimidade entre os círculos letrados das grandes cidades do Brasil, os cuidados com a parte interna do corpo através da saúde e da sua parte externa por meio do exibicionismo dos músculos como sinônimo de corpo sadio a partir do esporte e dentro das medidas higiênicas. Sevchenko (1998) afirma que essas iniciativas iam além da preocupação com a saúde e a estética do perfil de homem moderno. O desenvolvimento dos esportes se destinava à adaptação dos corpos e das mentes perante as novas tecnologias que surgiram nas grandes cidades.

Os cuidados com a saúde através das teorias higiênicas incluíram, segundo critérios de condições básicas, a limpeza das cidades como iniciativa de unir a ideia de saúde à beleza. Isso resultou no afastamento da população pobre do centro das cidades para os subúrbios, tendo como parâmetro as “teorias sanitárias”, cujos intérpretes destas adotaram a afirmação de que os pobres deveriam ficar nas margens da cidade, como ocorreu no Rio de Janeiro, para que o ambiente urbano ficasse mais “saudável”. A elite brasileira estava preocupada com a beleza da cidade e com a saúde do corpo, preocupação que se expunha em mais uma forma de exclusão, situação igual nos principais centros urbanos de então. No final do século XIX e início do século XX, a prática esportiva ganhou importância, como ressalta Pereira (2000):

O esporte aparecia, a partir das reformulações das teorias higiênicas, como uma solução perfeita: a superioridade “natural” dos indivíduos adeptos de uma boa educação física, sobre aqueles que mantivessem seu apego à preguiça e o marasmo que seria uma das marcas do caráter nacional, dava aos jovens elegantes a oportunidade de buscar, nos campos, a justificativa moral para a sua superioridade que se perdera no final do século XIX.⁴¹

No período da porção textual em destaque, a elite brasileira fazia contínuas reflexões sobre a perda da sua “superioridade” com o fim da escravidão. Considerando que era preciso mostrar essa tal superioridade frente aos grupos sociais marginalizados socioeconomicamente, a elite se apropria do futebol e, através do discurso pautado na teoria médico-higienista, faz uso desse esporte para diferenciar-se da população menos favorecida socioeconomicamente. A camada elitizada compreendia que os pobres eram sujeitos “inativos”, “sujos” e “preguiçosos”, por isso não deveriam ser aceitos nesta atividade esportiva. Por causa disto, considerava que o futebol deveria ser exclusividade da elite.

Segundo Santos (2012), em 1922, no período em que o futebol já se propagava pelo Brasil e ganhava prestígio entre vários brasileiros, o presidente Epitácio Pessoa (1918-1922), em seus últimos meses de mandato, exigia que não houvesse jogadores negros na Seleção Brasileira para a disputa do Campeonato Sul-Americano daquele ano. Essa exigência foi apresentada como um requisito indispensável para que a Presidência da República concedesse o auxílio financeiro à Confederação Brasileira de Desportos (CBD).

Nota-se que, pelos menos nas duas primeiras décadas após a chegada do futebol no país, a elite brasileira manteve o exclusivismo nessa prática esportiva. Com a criação do primeiro estádio de futebol, o Velódromo Paulista, apenas esse grupo social foi privilegiado

⁴¹ PEREIRA, 2000, p. 87.

pela possibilidade jogar futebol nesse espaço, assim como em outros locais próprios para a realização do futebol e dos campeonatos pela cidade. O historiador Gonçalves Júnior (2008) salienta que:

No início da década de 1910, os jogadores que atuavam nos torneios oficiais do futebol paulista eram filhos de senadores, netos de conselheiros, sobrinhos do presidente da República, futuros côsules, funcionários bancários, filhos da aristocracia agrícola.⁴²

O fragmento acima esclarece quem foram os jogadores que, majoritariamente, formaram os primeiros clubes de futebol do Brasil. Eram pessoas que exerciam cargos na área política, empresarial ou pertenciam ao mundo aristocrata, ou, ainda que não desempenhassem tais funções, bastava ter um grau de parentesco com membros dessa elite para jogar futebol e participar dos eventos que envolviam a prática esportiva na cidade⁴³. Para Mendes (2014), essa situação se dava pelo eurocentrismo que predominava na época, não apenas por genuínos brasileiros que formavam as elites. A apropriação do futebol pela elite decorria do fato de que os ingleses que moravam no Brasil, na sua grande maioria, ocupavam cargos de grande projeção local. Assim, a ideia era particularizar a elite como grupo social exclusivo para a prática do futebol.

O exclusivismo pretendido pela elite em torno do futebol era insustentável. Logo, quem mais se destacou nos primeiros anos do futebol paulista não foi um jogador oriundo da elite, mas, o mulato Friedenreich, que jogou por importantes equipes do futebol paulista e carioca. De acordo com Gonçalves Júnior (2008), esse jogador foi considerado o primeiro craque/ídolo e grande artilheiro da história do futebol brasileiro.

Arthur Friedenreich nasceu em São Paulo, em 18 de julho de 1892, quatro anos após o fim da escravidão. Era filho de um imigrante alemão Oscar Friedenreich, com Matilde Friedenreich, lavadeira negra e ex-escrava. Cresceu em uma casa humilde, com apenas uma porta e três janelas⁴⁴ e trabalhou com inspetor na Companhia Antártida Paulista (indústria de fabricação de cerveja)⁴⁵. Friedenreich começou a jogar, em 1909, no clube “Germânia”, depois passou a atuar pelo “Ypiranga”, “Mackenzie”, “Americano”, “Seleção Paulista”, “Paulista”, “Atlas”, “Paysandu”, “Flamengo”, “Internacional”, “Atlético Santista”, “Santos”,

⁴² GONÇALVES JUNIOR, 2008, p. 28.

⁴³ GAMBETA, 2013.

⁴⁴ AUTOBIOGRAFIA DE ARTHUR FRIEDENRICH. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rIZRNjm0XUw>. Acesso: 01 de fev.2015.

⁴⁵ TV Cultura, “Friedenreich, o primeiro grande craque do Brasil”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1BMrR1sxjAE>. Acesso: 03 de fev.2016.

“São Paulo” e “Dois de Julho/Bahia”, anotando 554 gols em 561 partidas. O primeiro craque do futebol brasileiro, em seu auge, quando marcou vários gols e conquistou títulos, foi reconhecido e convocado para a seleção brasileira, em 1914.

Negreiros (1992) ressalta que a participação de Friedenreich na seleção brasileira, em 1914, decorre das modificações no exclusivismo elitista sobre o futebol, iniciado, em alguns clubes, em 1908. O autor aponta que nesse período algumas equipes começaram a aceitar atletas selecionados por um novo critério, a competência esportiva. Apesar da continuidade de restrições, já era possível a um esportista não pertencente à elite paulista participar do futebol em equipe nos campeonatos oficiais. Nesse sentido, tornava-se possível que sujeitos de outros grupos sociais e oriundos de bairros marginalizados, como Friedenreich, realizassem a prática do futebol em equipes organizadas por membros da elite e em locais mais adequados, como os estádios de futebol. Essa inclusão só era aceita por razões de um critério específico: a habilidade do jogador. Porém, a questão étnica poderia ainda influenciar na sua inserção.

Segundo Ricalde (2014), Friedenreich foi aceito nos clubes da elite paulista, além de ser um marcador de gols⁴⁶, apesar de sua descendência. O autor afirma que Friedenreich foi incluído nas importantes equipes do futebol paulista pelo fato de ter sangue alemão por parte de pai. De tal maneira, o jogador consegue participar das competições de futebol de São Paulo e se valer dessa inclusão como estratégia para se ascender socialmente e adquirir uma “igualdade” diante das elites, que, por sua vez, admiravam o desempenho positivo do jogador mulato no campo esportivo. A maneira com que Friedenreich praticava o futebol arrancava os sorrisos dos simpatizantes das equipes em que jogava⁴⁷. Gonçalves Junior (2008), anota que o jogador:

não era: branco – porquanto era mulato. Assim, consegue ascender e ser, em alguma medida, como os seus colegas brancos e ricos do Paulistano. Obteve, ao ocultar, parcialmente a sua origem negra⁴⁸ e atuar em equipes como Paulistano, enorme reconhecimento, fama, tornou-se de fato *alguém* importante daquela sociedade. Porém, graças ao seu talento, contribui, de alguma forma, para o processo de popularização do futebol.⁴⁹

⁴⁶ Ricalde (2007, p. 14) Afirma que Friedenreich foi o autor do gol que possibilitou o primeiro título brasileiro sul-americano conquistado pelo Brasil contra o Uruguai, em 1919. No período em que o atleta já era um dos principais jogadores do país.

⁴⁷ Segundo Gonçalves Junior (2008, p. 21), Friedenreich assumia uma posição central, nos dribles, gols, atuações, enfim, acontecimentos ligados ao futebol, que refletem em um processo histórico que desencadeou a popularização do futebol.

⁴⁸ O jogador costumava alisar o cabelo antes dos jogos para, de certa forma, se parecer com os jogadores brancos, e se diferenciar da aparência física dos negros da cidade (GONÇALVES JUNIOR 2008, p. 88).

⁴⁹ GONÇALVES JUNIOR, 2008, p. 100.

Nesse momento do futebol paulista, a prática esportiva começa a ser realizada pela busca da vitória e o alcance de lucros. Dessa forma, Friedenreich conseguiu se ascender economicamente no período em que atuou pelo o clube “Paulistano”, em 1916. E o jogador, apesar de camuflar os seus traços de descendência negra, pôde se adentrar em espaços antes ocupados apenas por uma minoria elitista branca; e ser reconhecido por muitas pessoas daquela sociedade elitizada no momento em que atuava dentro do campo, uma vez que fora desse espaço o respeito pode não ter sido plenamente conquistado.

Segundo Ricalde (2007), Friedenreich, mesmo no período em que já era considerado um craque, na visão de muitos torcedores, era visto com desconfiança pelas elites. É preciso lembrar que o preconceito não teve fim através das habilidades do jogador dentro do campo. Santos (2012) registra que as demonstrações explícitas de racismo presentes no futebol seriam reflexos da sociedade brasileira daquele tempo de pós-abolição. Assim, se percebe que o preconceito contra grupos sociais marginalizados esteve presente no momento do crescimento do futebol paulista, mas não serviu de empecilho para que esses sujeitos, como Friedenreich, buscassem uma melhor condição financeira a partir da prática do futebol. A relação entre Friedenreich e o futebol incentivou que grupos sociais isolados utilizassem a prática esportiva com interesses de ascensão socioeconômica.

Gonçalves Junior (2008), em sua obra *Friedenreich e a Reinvenção de São Paulo: o futebol e a virada na metrópole*, aponta que o jogador iniciou sua jornada no futebol de maneira simplista. Friedenreich começou a praticar esse esporte muito cedo nos campos de várzea, em equipes que jogavam num espaço popular e suburbano. Esses clubes que surgiam às margens do centro paulistano, geralmente, eram compostos por grupos sociais não elitistas, como escravos libertos, operários, imigrantes pobres e sertanejos. Esses indivíduos não eram aceitos nos campeonatos oficiais, mas praticavam o esporte de maneira simples na várzea.

De acordo com Gonçalves Junior (2008), Friedenreich, aos dez anos de idade, foi visto jogando bola descalço na rua por um jogador que atuava no clube “São Paulo Bexiga”²¹. O jogador se interessou pelo futebol do garoto, mesmo com pouca idade. Mas, os membros da equipe não aceitavam jogadores não-brancos. Contudo, por conta de sua habilidade, Friedenreich ingressou no time contra a vontade do pai, que não via futuro promissor para o seu filho no esporte, já que o futebol na época ainda era amador. Portanto, via a impossibilidade de o filho ascender-se socialmente através da prática esportiva, que, por sua vez, crescia em São Paulo no início do século XX.

A partir de 1908, o futebol aos poucos foi se tornando profissional. Iniciaram-se campeonatos que envolviam premiações em dinheiro. Alguns clubes passaram a incluir jogadores de grupos sociais marginalizados e a fornecer determinadas remunerações. Apesar de os autores analisados não apontarem quais os valores dessas quantias, como eram feitos os pagamentos ou se essas remunerações seriam capazes de estabilizar esses indivíduos financeiramente. É possível se perceber que, através da prática do futebol, os pretensos jogadores, antes excluídos do campo esportivo, passaram a sonhar com uma condição financeira melhor. Assim, os tais fizeram do futebol uma estratégia de ascensão social.

Sujeitos excluídos, como Friedenreich conseguiram a ascensão socialmente pretendida, tornando-se conhecidos popularmente, servindo de incentivo aos seus iguais, fazendo com que outras pessoas da sua classe social tivessem interesse pelo esporte. De acordo com Gonçalves Junior (2008), Friedenreich:

Foi um dos protagonistas do processo que elevou o futebol produzido pelo povo nos campos enlameados dos subúrbios da cidade à condição de uma espécie de mola propulsora possível para atingir melhores condições de vida, de um meio quase mágico de inclusão e ascensão nessa nova ordem, um rito de entrada no mundo moderno. Com seu futebol nascido nas várzeas, dribla as precariedades de sua cidadania e improvisa soluções, nos campos e na vida.⁵⁰

Dessa forma, Friedenreich se apropriou do futebol surgido no país no final do século XIX. Nesse caso, através da prática esportiva, vista como hábito novo entre os grupos sociais elitizados, e que se disseminava entre os grupos sociais marginalizados, Friedenreich também conseguiu ganhar visibilidade e que, devido às remunerações ganhas através da atividade, possibilitou a sua ascensão social. A entrada de Friedenreich no futebol, no ambiente antes específico às elites⁵¹, significou a quebra do domínio que esse grupo social possuía sobre o futebol.

Gonçalves Junior (2008) afirma que a partir de então se iniciava a participação dos grupos sociais marginalizados no futebol brasileiro. Para o autor, os negros, por exemplo, viam uma forma de alcançar a tão sonhada “igualdade” social/racial, uma vez que poderiam “conviver” e dividir os mesmos espaços usufruídos pela elite, compartilhando cultura e

⁵⁰ GONÇALVES JUNIOR, 2008, p. 99-100.

⁵¹ AUTOBIOGRAFIA DE ARTHUR FRIEDENRICH .Mesmo quando Friedenreich atuava em equipes que participavam dos campeonatos oficiais de São Paulo, o jogador continuou a jogar por equipes da várzea formada por jogadores pobres. O jogador escreveu: “fui infalível ali naquelas domingueiras; mudando a camisa como uma mágica de um transformista. Tirava de um clube e logo enfiava de outro”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rIZRNjm0XUw>. Acesso: 01 fev.2016).

sociabilidade, bem como, no lado econômico, subir na hierarquia social através da possibilidade do aumento do poder aquisitivo. Negreiros (1998) expõe em suas considerações textuais que esse “novo” jogador, em função da sua origem social e de outras circunstâncias, passa a fazer do futebol um meio de sobrevivência material. Ele poderia realizar alguns sonhos pessoais, caso chegasse a se tornar um bom futebolista.

Guterman (2010) disserta que essa viabilidade veio a crescer, principalmente, a partir de 1920, quanto houve pressões realizadas por membros de várias equipes para que o futebol se profissionalizasse e aceitasse a participação de clubes de futebol formados, também, por negros, mulatos e brancos pobres e de localidades às margens do centro de São Paulo. Essas equipes, que almejavam a inclusão nos campeonatos oficiais, passaram a aceitar a participação de sujeitos que, por sua vez, viam, nesse período, que a prática do futebol poderia lhes proporcionar uma vida economicamente melhor.

Assim, o processo de profissionalização do futebol reflete um período em que indivíduos, antes excluídos, passaram a ingressar na prática esportiva ao lado de jogadores da elite. De tal maneira, nota-se que o ano de 1920 representa um momento em que a popularização do futebol passa a ser intensificada, o que o diferencia do tempo em que os grupos sociais populares ligaram-se ao futebol nas duas primeiras décadas, após a chegada do esporte no Brasil, em 1894.

De acordo com Guterman (2010), na sua obra *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*, os negros, os mulatos e os brancos pobres começaram a jogar futebol em situações bem diferentes da parte elitizada de então. As disputas eram realizadas nos campos em situações precárias. E quando surgiram as primeiras equipes amadoras, jogadas com bolas às vezes improvisadas de bexiga de boi, em partidas aos domingos, as partidas eram disputadas entre esses grupos sociais excluídos. A situação ficou difícil, principalmente, no início da primeira década do século XX, já que o governo mantinha em níveis altíssimos os impostos de importação de produtos ligados ao futebol, como redes para gol, bolas e chuteiras. Essas dificuldades atrapalharam a difusão da prática nos grupos sociais com pouco poder aquisitivo.

Segundo Negreiros (1998), o futebol para as camadas populares do Brasil foi sendo formalizado de forma simples. Não obstante, o citado historiador esclarece que:

[...] cada terreno plano era espaço ideal para uma partida —do violento esporte, conforme expressão utilizada na época [...] uma bola feita de jornais

e meia, além de paus e pedras para marcar as metas. A dita —pelada era jogada pelas crianças e jovens sem acesso aos melhores espaços, colégios.⁵²

Negreiros (1998), à luz da interpretação da porção textual sobrescrita, considera que essas medidas foram tomadas através de adaptações em espaços e do objeto principal para a prática do futebol, a bola. De tal modo, não se nota tanta distinção entre a atividade esportiva realizada entre os desiguais grupos sociais da cidade de São Paulo.

De acordo com Guterman (2010), o amadorismo dos jogadores de futebol não era muito diferente daquele praticado pelos estudantes brancos oriundos de famílias ricas e que retornavam da Europa do final do século XIX. Apesar de não contarem com uma estrutura física de um campo de futebol e equipamentos importados da Europa, os jogadores das camadas populares, independentemente do lugar, equipes ou condições sociais, usavam da criatividade para transformar espaços “desocupados” em campos de futebol e construir suas equipes. Vale ressaltar que as dificuldades reais dos grupos sociais marginalizados não eram somente as circunstâncias necessárias para a realização dos jogos, mas, conforme destaca Ricalde (2007), o seu problema maior era a discriminação por parte das elites que se recusavam a aceitar definitivamente a participação de negros, mulatos e pobres nos campeonatos oficiais, mesmo quando tinham determinadas habilidades com a bola.

No início do século XX, boa parte dos indivíduos excluídos do futebol, entre eles negros e mulatos, não deixou de praticá-lo. À medida que a cidade paulista se expandia para as regiões periféricas, o futebol também era adotado pelos grupos sociais excluídos dos centros urbanos, sendo praticado de forma amadora e com a finalidade de promover o divertimento. Apesar da “popularização” do futebol pelas minorias sociais, ressalta-se que há dados que apontam que a sua expansão nas cidades não era vista como algo favorável para a sociedade. De acordo com Ricalde (2007), havia indivíduos que não aceitavam essa “novidade” que, no período, se difundia por São Paulo e pelo Brasil. E entre esses sujeitos, pode-se destacar Lima Barreto⁵³ que era filho de um operário mulato e, portanto, sentia na própria pele a discriminação social e racial⁵⁴. Um dos maiores críticos do regime republicano,

⁵² NEGREIROS, 1998, p. 58.

⁵³ Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro, em 1922, e foi romancista, contista, cronista e jornalista. O crítico se destacou pela sua inteligência voltada com lucidez para o desmascaramento da sociedade e a análise das próprias emoções, mas também afirma ser ele um escritor que não atingiu toda a sua potencialidade como narradora, sendo algumas vezes mal sucedido na transposição de uma ideia numa realização literária criativa. (Cf.: ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6209/lima-barreto>. Acesso em: 04 dez. 2015).

⁵⁴ RICALDE, 2007, p.13.

em seus textos, Lima Barreto deixou registrado seu rancor e desprestígio ao uso que se fazia do futebol pelas classes sociais brasileiras de então e o compreendia como um mecanismo de degeneração da vida em sociedade⁵⁵.

A historiadora Emília Carolina Bispo dos Santos Augusto (2006), em sua obra *Olho no lance: futebol e modernidade na crônica de Lima Barreto*, analisa as crônicas de Lima Barreto e destaca o pessimismo do literato em relação ao futebol. Segundo Augusto (2006), Lima Barreto via o futebol como inimigo da vida moderna, refletindo que esse “elemento novo” advindo da Europa acentuaria as desigualdades sociais nas cidades na medida em que excluiria diversos grupos sociais.

Além da crítica de que o futebol estimularia ainda mais as desigualdades sociais no Brasil, a autora anotada no parágrafo sobredito ainda pontua a preocupação em Lima Barreto de que o futebol poderia alimentar o ódio entre as raças, pois, no Rio de Janeiro também havia o exclusivismo elitizado da prática esportiva, não permitindo a entrada de negro e mulato nos clubes que iam surgindo. Ou seja, Lima Barreto entendia que o preconceito social acontecia dentro dos estádios, assim como nos subúrbios. Em 1921, por exemplo, Lima Barreto publicou uma coluna intitulada “O nosso esporte” no jornal *A.B.C*, caracterizando o futebol como uma prática esportiva incentivadora da violência na cidade:

“Ele (o futebol) tem conseguido, graças a apostas belicosas e rancorosas, estabelecer não só a rivalidade entre vários bairros da cidade, mas também o dissídio entre as divisões políticas do Brasil. Haja vista o que se tem passado entre São Paulo e Rio de Janeiro e vice-versa, por causa do jogo de pontapés na bola [...] O football é eminentemente um fator de dissenção”.⁵⁶

A opinião de Lima Barreto sobre o futebol é clara. Para ele, essa prática esportiva estimularia não só a competitividade dentro do campo entre os clubes, como também acentuaria as diferenças raciais e socioeconômicas da sociedade do Rio de Janeiro e de São Paulo, por exemplo. As disputas ultrapassariam as “quatro linhas” do campo e permaneceria noutros ambientes onde as partidas de futebol eram discutidas entre os simpatizantes do esporte. Augusto (2006) afirma que Lima Barreto via o futebol como uma atividade esportiva originária da Europa e que, uma vez instalada no Brasil, servia para ferir e prejudicar a população, já que além de alimentar o ódio entre as pessoas, ainda provocaria conflitos sociais e a fragmentação do país.

⁵⁵ HOLANDA, 2016.

⁵⁶ BARRETO apud AUGUSTO, 2006, p. 05.

Embora Lima Barreto tivesse expressado sua opinião crítica sobre a entrada do futebol no Brasil através dos jornais, ele também não deixou de reconhecer a aceitação e adesão da prática esportiva pelos diferentes grupos sociais do Rio de Janeiro. Guterman (2010) destaca outra crônica de Lima Barreto, intitulada “O Football” e publicada no jornal impresso em 1922, na qual falava sobre o futebol na capital carioca e admitia que:

De resto, as gazetas tem razão. Vão de encontro ao gosto do público, seguem-no e, por sua vez, excitam-no. Toda gente, hoje, nesta boa terra carioca, se não fica com os pés ferrados, ao menos com a cabeça cheia de chumbo, joga o tal esporte ou esporte bretão, como eles lá dizem, não há rico nem pobre, nem velho nem moço, nem branco nem preto, nem moleque nem almofadinha que não pertença virtualmente pelo menos, a um clube destinado a aperfeiçoar os homens na arte de servir-se dos pés.⁵⁷

As crônicas assinadas por Lima Barreto são, portanto, importantes fontes de pesquisa para o historiador, pois através delas pode-se compreender o cotidiano, a sociedade e a cultura, pelo menos, de São Paulo e do Rio de Janeiro, mundo social no qual ele habitava. Nessas cidades, o futebol ganhou popularidade entre os diferentes grupos sociais, independentemente da idade, classe social e/ou etnia, que se apropriavam da prática esportiva.

Guterman (2010) aponta que a popularização do futebol no Brasil contribuiu para romper, ainda que superficialmente, os limites rígidos da hierarquia social. Vale salientar que esse processo de popularização decorre da necessidade dos clubes de futebol, já formados pela elite, compor seu time com os melhores jogadores a fim de alcançar vitórias nos campeonatos. Segundo Mendes (2014), foi a partir do desejo da elite de tornar seus times/clubes campeões dos jogos que disputavam entre si que houve as primeiras inclusões dos negros, mulatos e brancos pobres.

De acordo com Guterman (2010), é a partir da década de 1920 que esse processo se intensifica, período em que se dá a “crise do amadorismo” com o acirramento entre as equipes e a profissionalização do futebol com o surgimento dos clubes. O amadorismo do esporte que se caracterizava pela apropriação dessa prática como mero divertimento, passava agora a ser visto como profissão, inclusive porque se organizavam os campeonatos e os jogadores receberiam remuneração. Com o objetivo de conquistar a vitória nos campeonatos, os clubes de futebol, antes formado somente por pessoas da elite, procuraram reforçar suas equipes e tiveram que recorrer a outros sujeitos sociais que viviam nas margens da cidade. De acordo Guterman (2010):

⁵⁷ BARRETO apud GUTERMAN, 2010, p. 61.

[...] a nova era que se abria, deixava de ser imprescindível ter jogadores que se identificasse de alguma maneira com as raízes ou as características dos times; o importante, cada vez mais, era vencer, e para isso era preciso ter os melhores jogadores que, mesmo sendo de classes sociais inferiores, acabaram atraídos pelos clubes com propostas de vantagens financeiras e sociais.⁵⁸

Ainda na linha de raciocínio do texto de Guterman (2010) em destaque, muitos mulatos e negros passam a ingressar nos clubes de futebol e disputavam os campeonatos seduzidos pelo ideal de ascender-se socialmente, mudar de vida e aumentar o seu poder aquisitivo e viver melhor nos aspectos socioeconômicos. Tornar-se jogador dos clubes de futebol formados pela elite era também uma maneira de afirmação social, pois, “autorizaria” aos negros, mulatos e pobres entrar nos espaços dos quais eram excluídos, conforme elucida Gonçalves Junior (2008).

Os clubes dirigidos pelas elites foram sendo compostos por homens de diferentes locais da cidade e de grupos socioeconômicos e étnico-raciais, deixando de ser majoritariamente praticado por brancos da elite. Guterman (2010) ainda acrescenta que o processo final da popularização do futebol se deu pelo interesse econômico em torno do futebol, ou seja, os dirigentes dos clubes criados pela elite pretendiam lucrar através da prática esportiva. Deste modo, o amadorismo do futebol que prevaleceu desde a sua chegada ao Brasil, em 1894, teve seus dias contados, considerando que na primeira década do século XX tem-se o início do profissionalismo do futebol brasileiro. Guterman (2010) ainda destaca:

A primeira década do século XX terminaria ainda dividida entre o amadorismo e o profissionalismo, entre o caráter elitista e popular do futebol e entre a alvura dos seus jogadores e a introdução do elemento negro, que mudaria drasticamente o cenário do esporte no Brasil.⁵⁹

No século XX, o futebol brasileiro passou por várias modificações, não só no que se refere à composição socioeconômica e étnico-racial dos jogadores que formavam os clubes como também nas suas regras e estruturação do esporte visto como um componente importante para a identidade do país. A entrada de negros, mulatos e brancos pobres nos clubes brasileiros do período foi um fator importante para tais modificações.

Embora não seja objetivo desta monografia compreender o caráter étnico que se deu o processo de “popularização” do futebol, essa “nova fase” da prática esportiva no Brasil

⁵⁸ GUTERMAN. 2010. p. 52.

⁵⁹ Idem, 2010, p. 37.

contribuiu para formação da seleção brasileira e seu posterior sucesso, graças à composição de diferentes homens no quesito cor de pele e condição social, mas idênticos na beleza do trato com a bola.

A conquista de títulos importantes pela seleção brasileira promoveu o reconhecimento cada vez maior do futebol pela sociedade, assim como se tornava um fenômeno social, que alcançou importância no campo da política, muitas vezes sendo utilizado como instrumento para sustentação de políticos no poder e para a construção do sentimento de nacionalidade e identidade brasileira, tema que serão abordados nos próximos capítulos.

3 DITADURA CIVIL-MILITAR E A COPA DO MUNDO DE 1970: MOMENTOS DE TENSÕES E “PROSPERIDADE”

3.1 Ditadura civil-militar no Brasil

O “Golpe” ou a “Revolução de 1964” se efetivou no dia 01 de abril do mesmo ano. Nesse período, o até então presidente do Brasil, João Goulart, foi retirado do poder enfraquecido por influências de diversas movimentações pelo país contra o seu governo que, dentro de um contexto de protestos sociais e da intervenção militar, depuseram o líder político. Esse acontecimento não deve ser encarado como o primeiro ato de participação militar dentro da história política da República brasileira. Porquanto, conforme lembra historiador Nilson Borges (2007), em sua obra intitulada *A Doutrina de Segurança Nacional e os governos militares*, a história tem demonstrado que, em todos os momentos de crise institucional, as Forças Armadas apresentam-se como agentes políticos atuantes.

Na história do Brasil Republicano é possível notar as Forças Armadas atuando em determinados momentos. Antes de 1964, percebe-se a sua intervenção restabelecendo a ordem institucional. Nesse sentido, Borges (2007) reflete que:

Em 1889, com a proclamação da República, mediante um golpe articulado por Deodoro da Fonseca, Floriano Peixoto e a mocidade militar, liderada por Benjamin Constant, e assim continuou sendo, em 1930, com a derrubada da República oligárquica, que permitiu a instauração da ditadura no Estado Novo e a deposição de Getúlio Vargas, em 1945. Mas, foram também os militares que participaram do processo de estabelecer um regime democrático, que vigorou de 1945 a 1964, e garantiu a posse de Juscelino Kubitschek em 1955, abordando um golpe preparado por setores das Forças Armadas.⁶⁰

Nota-se que essas interferências ocorreram em pelo menos três momentos de tensão na história brasileira. Nessas situações, determinados grupos sociais refletiam sobre a necessidade de haver a manutenção da administração política ou da conservação de conquistas sociais, como a democracia. De tal modo, determinados grupos sociais conservadores ou revolucionários recorreram ao Exército Brasileiro para solucionar aquele momento de tensão política vivenciados em 1889, 1930 e de 1945 a 1964.

Nessas situações os militares interferiam no processo político para solucionar as “crises”, e, depois disso, recuavam-se aos quartéis, e a condução do Estado continuava a ser

⁶⁰ BORGES apud ROUQUIÉ, 2007, p. 15.

administrada pelos civis. A partir de abril de 1964, as Forças Armadas foram solicitadas devido às incertezas do país, contando com a participação das elites e de outros grupos sociais conservadores que estavam insatisfeitos com a questão política. Após a retirada de João Goulart da presidência do país, os militares assumem o papel de condutores do Estado. De acordo Carvalho (2014), os militares tinham a crença de que seriam eles os mais identificados com os interesses nacionais e, portanto, como missão lhe caberia o direito e até o dever de arbitrar as crises políticas (intervindo) em nome da ordem interna.

A intervenção militar, que influenciou a retirada do governo de Jango, esteve alicerçada à preocupação com o alastramento das ideias comunistas e da desconfiança sobre as projeções que se construía ao futuro. Montagna (2013), em seu artigo *A doutrina de Segurança Nacional*, afirma que, nesse período, qualquer governo desfavorável à política dos Estados Unidos da América, ou que permanecesse de maneira neutra, era favorável à expansão do comunismo e, por isso, constituía ameaça à segurança nacional americana que, de tal forma, contribuiu para o enfraquecimento político de João Goulart.

No documentário *O dia que durou 21 anos* (2013)⁶¹, pode-se observar a participação dos Estados Unidos na política brasileira nesse período. Uma das questões tratadas no documentário refere-se ao interesse dos líderes políticos norte-americanos sobre a economia do Brasil a fim de ampliar seu poder comercial e se tornar uma superpotência na América Latina. Os norte-americanos passam a interferir na questão política do país, iniciando um processo de influências para que houvesse uma mudança no governo brasileiro, sob a ameaça da possibilidade de perda dessa riqueza para os grupos subversivos, os comunistas, através da propagação total das ideias pelo país. Consideravam que o país estava “infectado” pelas ideias comunistas através do consentimento do governo de Jango.

Nesse contexto, há o incentivo do embaixador Lincoln Gordon⁶² que influencia diretamente para que o presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, decida investir em estratégias contra o governo brasileiro. Pois, segundo Lincoln Gordon, o Brasil estaria vivenciando uma disseminação comunista liderada por Fidel Castro, com a aceitação de João Goulart. E através da possível conversão do Brasil ao socialismo, o quadro poderia se agravar ainda mais, e haver uma “contaminação” em toda a América Latina.

⁶¹TAVARES, Camilo Galli. O Dia que durou 21 anos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xrfzJIN7Zb0>. Acesso em: 16 out. 2014.

⁶² De acordo com o documentário *O dia que durou 21 anos* (2013), Lincoln Gordon era embaixador norte-americano enviado ao Brasil ainda no governo de Jânio Quadros, para que o país não guinasse para a esquerda comunista.

Dessa forma, nota-se em *O Dia que durou 21 anos*, que o governo americano passa a investir para que Goulart, ou um seu possível sucessor, não assuma o poder na disputa à Presidência da República, em 1965, e realiza investimentos com a intenção de enfraquecer o governo brasileiro. Esses investimentos foram: a fundação do Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES)⁶³, fortalecendo financeiramente os opositores políticos de Jango; a efetivação do controle midiático contra a conduta política de João Goulart; e o reforço militar do país, que poderia ser acionado em defesa dos interesses aos norte-americanos que refletiam na preservação da “democracia” brasileira e contrária a quaisquer forças adversas. Percebe-se que o cenário para o golpe estava sendo montado e, para os conservadores, a eliminação de João Goulart do poder político representaria uma grande vitória para o mundo livre.

O ato da deposição do presidente ocorreu no dia 01 de abril de 1964, de certa forma pacífica, já que Goulart não reagiu militarmente. O governo de Jango, período antes da deposição, estava totalmente fragilizado devido à força da oposição. Os setores conservadores estavam insatisfeitos com as propostas de João Goulart, que causaram preocupação em diversos grupos sociais do Brasil, entre eles, o Exército.

Os militares avaliavam que João Goulart seria um homem de esquerda que buscava fazer do Brasil um país comunista, como Fidel Castro fez em Cuba. Porém, a desaprovação do governo de Jango não esteve restrita apenas aos militares. Houve o descontentamento da elite, por razões do governo no período apresentar propostas às classes populares com as reformas. O historiador Daniel Arão Reis Filho (2000), em seu livro intitulado *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*, aponta que as reformas provocaram movimentações contrárias de grupos sociais conservadores.

Essas reformas envolviam indivíduos do campo e cidade; sobre a questão eleitoral, educacional e econômica do país, que faziam parte do projeto-estadista de Goulart, tendo como meta principal a participação de grupos sociais populares. As sobreditas reformas eram:

A reforma agrária, para distribuir a terra, com o objetivo de criar uma numerosa classe de pequenos proprietários no campo. *A reforma urbana*, para planejar e regular o crescimento das cidades. *A reforma bancária*, com o objetivo de criar um sistema voltado para o financiamento das prioridades nacionais. *A reforma tributária*, deslocando a ênfase da arrecadação para os impostos diretos, sobretudo o imposto de renda progressivo. *A reforma*

⁶³ Criado em janeiro de 1961, o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES) produzia material para jornais e revistas, patrocinava edições de livros, mantinha grupos paramilitares e montava cenários para manifestações públicas e marchas de donas de casa e de católicos fundamentalistas. Foi um dos centros de articulação do golpe. Acesso em: 17 de jan. 2015. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/mapas-da-ditadura/ipesmg/>

eleitoral, liberando o voto para os analfabetos, que então constituíam quase metade da população adulta do país. A *reforma do estatuto do capital estrangeiro*, para disciplinar e regular os investimentos estrangeiros no país e as remessas de lucros para o exterior. A *reforma universitária*, para que o ensino e a pesquisa se voltassem para o atendimento das necessidades sociais e nacionais.⁶⁴

Essas medidas estiveram relacionadas a questões do âmbito educacional, inclusão livre das relações internacionais no viés econômico e social e a regulamentação da expansão dos centros urbanos. Algumas delas tinham como propósito beneficiar vários grupos sociais, como estudantes, trabalhadores livres, professores, autônomos, e possibilitar o acesso dos trabalhadores do campo à posse da terra, com a fragmentação dos grandes terrenos latifundiários pertencentes a uma minoria rural. Logo, os agricultores beneficiados poderiam realizar a sua própria produção e aumentar o seu poder aquisitivo, muitos deles também decidiriam o futuro político do país através do voto. Com isso, João Goulart buscava incorporar os setores populares aos projetos do governo.

Essas reformas causaram descontentamento nos grupos sociais mais conservadores, como a elite. Pois, paralelamente ao Brasil, Fidel Castro após assumir o poder político de Cuba em 1959, estimulou as reformas agrárias, fato que antecedeu a implantação do regime socialista realizado em 1961⁶⁵. De tal maneira, as elites avaliavam que as ideias comunistas e o processo transição para o socialismo estavam se instalando no Brasil, tal como ocorreu em Cuba anos antes. Assim, as elites aumentam as discordâncias sobre o governo de João Goulart, considerando que o Presidente da República, cada vez mais, estimulava a difusão das ideias comunistas no país. E que, além das reformas, buscava legalizar o PCB (Partido Comunista Brasileiro).

De acordo a historiadora Dulce Chaves Pandolfi (1994), os grupos sociais contrários ao governo de Jango resolveram se mobilizar. Na avaliação desses conservadores, o propósito de frear a disseminação do comunismo era urgente e necessário. Uma vez que “para os comunistas lutar pelas reformas de base era principalmente acumular forças para desencadear,

⁶⁴ REIS FILHO, 2000, p.13

⁶⁵ Sobre o assunto, ver: PERICÁS, Luiz Bernardo. Capitalismo dependente e Revolução em Cuba. In: América Latina: encruzilhadas da história contemporânea. COGGIOLA, Osvaldo (Org). São Paulo: xamã, 2003.

num futuro não muito longínquo, a revolução socialista, cuja antessala era a revolução nacional e democrática”⁶⁶.

Além da elite brasileira, boa parte das lideranças religiosas tradicionais estava insatisfeita com a situação do país, e se opôs à dispersão das ideias comunistas. Na visão dos conservadores religiosos, as influências comunistas poderiam denegrir a moral do país e a quebra de valores, ferindo, nesse sentido, a tradição cristã. De tal modo, esses grupos sociais resolvem se mobilizar em protestos chamados de a “Marcha da Família com Deus e pela Liberdade”. Essas manifestações públicas se iniciaram no dia 19 de março e se prolongaram até 08 de junho de 1964.

Conforme Codato e Oliveira (2004), essas manifestações tornaram-se protestos organizados, principalmente, por líderes católicos. Apesar da forte influência religiosa, esses protestos contaram com a participação de outros setores sociais, tais como políticos conservadores, camadas médias urbanas (profissionais liberais, donas-de-casa), elite empresarial e movimentos femininos (Campanha da Mulher pela Democracia-CAMDE, Liga da Mulher pela Democracia-LIMDE, União Cívica Feminina-UCF e Movimento de Arregimentação Feminina).

Esses grupos sociais protestavam sobre assuntos referentes à realidade brasileira, como a administração política estimuladora da desordem e a corrupção. Consideravam eles que o comunismo e a disseminação de suas ideias no Brasil influenciavam, cada vez mais, a depravação moral e o ateísmo da sociedade. Desse modo, a “Marcha da Família com Deus e pela Liberdade” foi realizada em várias cidades do país e tinha como objetivo alertar a sociedade sobre o perigo do comunismo e convencê-la a se opor ao governo de João Goulart. Segundo Codato e Oliveira (2004), esses protestos estavam

Destinados a converter a opinião pública e a mobilizar a “sociedade como um todo” contra a ameaça de uma “república sindicalista” e da política reformista do governo João Goulart, enfim anunciada no Comício da Central, as “Marchas da Família” foram a expressão ideológica prática mais explícita do anticomunismo e do antipopulismo na conjuntura que se abre em agosto de 1961 e se fecha em março de 1964.⁶⁷

Líderes religiosos, elite, políticos conservadores, feministas, entre outros setores sociais, se mobilizaram contra o governo de João Goulart devido às suas propostas de

⁶⁶ PANDOLFI, 1994, p. 80.

⁶⁷ CODATO; OLIVEIRA, 2004, p. 24.

reformas de base, acusando o presidente de estimular o comunismo no Brasil. E para o fim do retrocesso brasileiro, esses grupos sociais e parte da mídia consideravam necessária a deposição de Jango. O jornal *O Dia* na edição do dia 04 de Abril de 1964 destacou o discurso anticomunista de uma cronista teresinense que apoiou o golpe:

[...] Quando foi agora, veio esta agitação imensa dominando o Brasil inteiro, de ponta a ponta, a gente ficando em suspenso, mesmo sem saber o que estava se passando. Pessoas como eu – e são muitas – que não entendem de política, achavam que o presidente João Goulart era – não digo o maior, mas um homem seguro no cargo. O apoio que ele tinha a gente pensava que era de quase todos. Foi quando veio aquela história de Minas Gerais, luta contra o governo, luta contra o comunismo, como toda mulher que professa a religião católica e tem filhos, sempre tive um medo doido do comunismo, mas sempre na esperança de que não chegaria, nunca, a tomar conta do Brasil. Com levante de Minas passei a tomar gosto pelo assunto ouvindo tudo até o fim. Os homens de bem uniram-se. As forças Armadas estavam do lado bom. A boa causa triunfou. E ficou aprovado, novamente, que Deus é brasileiro. Bem, é isto que penso.⁶⁸ (OLIVEIRA, 2007, p. 63 apud Jornal *O Dia*, Teresina, 04 abr. 1964, n. 1.208, p. 07).

Nas palavras de Ana Paula nota-se, inicialmente, a falta de conhecimento sobre assuntos políticos, nacionais e sociais. No entanto, o levante de Minas Gerais realizado de maneira contrária ao comunismo despertou o interesse da cidadã teresinense pelas questões que decidiriam os rumos do país, diante da disseminação das ideias não aceitas por ela. Ao avaliar que os militares “estavam do lado do bem”, ela pressupõe que o comunismo e a quem defendesse as suas ideias, no caso de João Goulart, representaria o mal. Assim, devido às intensas oposições de grupos sociais contra o governo, João Goulart não é retirado do poder pelo uso do voto, mas através da intervenção do Exército e de parte da população. O “Golpe civil-militar”⁶⁹ de 1964 veio sob a alegação do restabelecimento da ordem.

Caio Narrado Toledo (2004), em seu artigo intitulado *1964: o golpe contra as reformas e a democracia*, afirma que o golpe civil-militar foi saudado pelas classes dominantes e seus ideólogos, civis e militares, como uma autêntica “Revolução”. Era o início da ditadura civil-militar no Brasil. Entretanto, se em 1889, 1930 e de 1945 a 1964, a intervenção militar foi necessária para reestabelecer a “ordem” e a conservação da “democracia” avaliada em crise institucional, a partir de 01 de abril de 1964, o Exército

⁶⁸ PAULA, Ana. Dizendo o que penso. *O Dia*, Teresina, 04 abr. 1964, n. 1.208, p. 07.

⁶⁹ O historiador Demian Bezerra de Melo (2012, p. 04), no seu artigo *A ditadura “civil-militar”?: controvérsias historiográficas sobre o processo político brasileiro no pós-1964 e os desafios do tempo presente*, analisa a queda do governo ocorreu com a culminância de um movimento civil-militar e não, apenas, como um golpe das Forças Armadas contra João Goulart. Por conta disso, é necessário apontar que o golpe foi civil-militar, e que a Ditadura também o foi.

reestabelecia o poder e não retornaria aos quartéis. Nesse momento, lideranças do Exército constituem forças tutelares e se mantêm ativas no poder.

Com a intervenção militar, o cargo de Presidência da República passa a ser ocupado, inicialmente, pelo presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzilli. O seu governo dura pouco tempo. Logo, no dia 15 de abril de 1964, o general Humberto de Alencar Castello Branco, popularmente conhecido por Castelo Branco, é eleito pelo Congresso Nacional e se torna o novo Presidente do Brasil. Após Castelo Branco, a administração política passa pelo militar Arthur da Costa e Silva (1967-1969) que dá continuidade ao governo militar e o processo de mudanças em torno do cargo de Presidência da República. Segundo Fico (2007), essas alterações tinham uma finalidade específica: “expressava na estratégia do rodízio de generais-presidentes, com o qual deveria afastar-se da imagem dos caudilhos ditatoriais latino-americanos”⁷⁰.

Segundo Fico (2007), as mudanças do cargo da Presidência era uma maneira de legitimar a imagem de uma preservação da democracia, que se diferenciava dos regimes ditatoriais da América Latina. Apesar da tentativa de transmitir uma ideologia política de que os militares representariam o governo do povo, o caráter opressor do regime predominava sobre grande parte da sociedade brasileira, a cada mandato presidencial. Nesse contexto, Borges (2007) aponta:

Na qualidade de força dirigente, as Forças Armadas assumiram a função de partido da burguesia, manobrando a sociedade civil, através da censura, da repressão e do terrorismo estatal, para promover os interesses da elite, assegurando-lhe condições de supremacia em fase do social. Enquanto o aparelho militar fortalecia o Estado, neutralizando as pressões sociais e buscando atingir um elevado poder econômico, as Forças Armadas atingiam um alto grau de autonomia institucional.⁷¹

O regime civil-militar, apesar de receber a aprovação de alguns membros da elite, foi alvo de manifestações contrárias por diversos grupos sociais, entre os quais estudantes e universitários que realizaram uma série de protestos pelo país, como a “Passeada dos Cem Mil”⁷², no Rio de Janeiro, com a participação de comunistas, escritores, professores, religiosos.

⁷⁰ FICO, 2007, p. 196.

⁷¹ BORGES, 2007, p. 21

⁷² HISTÓRIA BRASILEIRA. No ano de 1968 no auge dos anos de chumbo no Brasil a repressão movimentava a população brasileira. Eram muitos os protestos, passeatas, comícios e manifestações. Nesse ano, na cidade do Rio de Janeiro, aconteceu a “Passeata dos cem mil”. Esta passeata teve início no movimento estudantil que,

Nem sempre esses protestos eram realizados nas ruas. Os artistas, por exemplo, utilizava o teatro, as músicas de protesto, o cinema, as artes plásticas, que ecoavam as perplexidades e as amarguras de amplos setores sociais. E, assim, manifestavam sua oposição ao regime político ditatorial que, por sua vez, reagia com a expulsão de pessoas do país através do exílio ou ainda com torturas, censuras, repressões, por meio da utilização da força da polícia. O auge do autoritarismo predominou durante o governo de Emílio Garrastazu Médici. Porém, apesar do auge da ditadura civil-militar, Governo Médici foi destacado de maneira positiva por boa parte da imprensa da época, principalmente, no período da Copa do mundo de 1970, e por ser o símbolo da difusão da televisão por boa parte do país por conceder a possibilidade da compra do aparelho por causa do “milagre econômico”.

3.2 Médici e a televisão: símbolos do progresso?

Durante a Copa do mundo de 1970, muitas pessoas por todo o Brasil torciam pela seleção brasileira no maior evento do futebol mundial. Os torcedores acompanhavam a competição através dos meios de comunicação, como o rádio, ou pelas coberturas das partidas e informações sobre a copa através dos jornais que exibiam, muitas vezes, o presidente Médici próximo ao futebol. Nesse período, os meios de comunicação tiveram participação na euforia nacional, que mobilizava grande parte do país.

E uma novidade foi utilizada para a relação entre o governo, o futebol e a sociedade: a televisão. Ary José Rocco Junior (2003), em seu artigo intitulado “*Novas tecnologias e as torcidas virtuais: a transformação da cultura do futebol no século XXI*”, elucida que:

A televisão muda por completo a relação torcida-futebol. O espetáculo atinge em cheio às massas. A organização das torcidas passa a ser pautada pela televisão e sua festa feita para ela. Com essa nova relação entre os meios de comunicação de massa e os torcedores, o futebol atinge um âmbito global, transformando a relação dos fãs com os clubes no espaço. Surgem os clubes transnacionais, com torcedores em todos os cantos do planeta. [...] a difusão do futebol está, até o momento, estreitamente relacionada com outra tendência que lhe foi contemporânea: a difusão da forma moderna de comunidade política, isto é, a constituição dos Estados-Nação.⁷³

A televisão surge assim como novidade à época. No caso do futebol, o telespectador poderia acompanhar visualmente as partidas da seleção do seu país, pois a recepção das informações, se comparada ao rádio, se dá de forma diferenciada. Os telespectadores

naquele período, exigia, dentre várias reivindicações, o retorno à democracia. Disponível em: <http://www.historiabrasileira.com/ditadura-militar/passeata-dos-cem-mil>. Acesso: 15 de jan. 2016.

⁷³ ROCCO JÚNIOR, 2003, p.15.

poderiam ouvir a voz do narrador e assistir às partidas de futebol dentro de qualquer recinto que tivesse o aparelho. E parte dos brasileiros, além de ter em casa a possibilidade de acompanhar a seleção brasileira na maior competição do futebol mundial, tinha mais uma fonte de distração.

Halmicar Silveira Dantas Junior (2012), em seu artigo *Futebol e Ditadura: representações do cinema brasileiro*, compreende que o aparelho pode ser encaixado nas características próprias desse novo modo de organização da vida moderna, propondo uma “nova” cultura urbana através do lazer. Porém, esse aparelho serviu também como instrumento político do governo para veicular sua propaganda.

No ápice da ditadura civil-militar de Médici, o governo soube usar a televisão como arma política. Talita Vidigal Terciotti (2011), em seu artigo *Futebol e nacionalismo da Revista Veja (1969-1970)*, afirma que o projeto da propaganda estava lançado, a saber, “evidenciar a aproximação de Médici às massas e vender uma imagem de um presidente popular e amigável, ao invés do militar linha-dura que era”. Dessa forma, a mídia busca atrelar a imagem do futebol à Médici no período de realização da Copa do Mundo de 1970.

O *Jornal do Piauí*, no dia 12 de Junho de 1970, dentre tantos torcedores do Brasil, reproduz a euforia de Médici: “Ficamos sabendo das simpatias do nosso Presidente da República para com o futebol. Assiste a todos os compromissos do Brasil no presente Campeonato e o mais importante é que assisti num aparelho de televisão em cores”⁷⁴. Nesse discurso, é vista a construção da imagem do líder político contido na matéria jornalística que evidenciava o presidente, entre tantos outros brasileiros, acompanhando e torcendo pela seleção brasileira. E o jornal *O Dia*, na mesma data sobredita, aponta: “O presidente Garrastazu Médici ao lado de sua família, assistiu o jogo Brasil x Uruguai. Vibrou com os tantos brasileiros”⁷⁵. Nessa matéria jornalística Médici é mostrado como um cidadão comum que, em um momento de lazer com a sua família, “vibrava” com a seleção brasileira na partida esportiva que garantiu a classificação da seleção “verde e amarela” para a final da Copa do Mundo de 1970.

A edição do jornal *O Dia*, de 06 de Junho de 1970, ressalta: “nunca em tempo algum, tivemos um chefe de governo mais interessado com a sorte do futebol brasileiro, um dos laços

⁷⁴ Paulo José. Na Ronda do Society. Jornal do Piauí. Teresina, 12 de Jun.1970, ano XIX, n.3973, p.05.

⁷⁵ *O Dia*. Teresina, 12 jun. 1970, ano XX, n. 3016, p. 06.

mais fortes que une os nacionais de todos os quadrantes”⁷⁶. Dessa maneira, a matéria jornalística avalia o auge da relação entre política e futebol, ao reproduzir, em suas notícias, o presidente próximo da nação brasileira por compartilhar da identidade nacional, o futebol. Nota-se, assim, o presidente Médici não era apresentado pelos jornais apenas como líder político, mas como torcedor e cidadão.

Laura Maria Naves (2012), em seu estudo sobre *O Papel da Aerp na Construção da Identidade Nacional: Análise das Propagandas Políticas Durante o Governo Médici*, compreende que a representação de um presidente com os mesmos gostos populares de sua nação o transformava em uma figura cativante. Era o governante moldado por um ideal. A intenção da assessoria de imprensa do governo de Médici era produzir sua imagem populista, na qual os presidentes apareciam como “gente da gente”. Isso pode ser observado principalmente nos dias de realização da Copa do Mundo de 1970, quando os meios de comunicação foram usados para produzir essa imagem de Médici.

De acordo com Carvalho (2014), foi no período da Copa do Mundo de 1970 que a assessoria de imprensa do governo Médici construiu uma relação entre política e futebol para que ele fosse visto como um autêntico entusiasta do esporte. Dessa maneira, publicava textos informando os palpites dele sobre os jogos e apresentava-o como torcedor número “um”. Para alguns críticos, essa atitude serviu para que Médici fosse visto como “manipulador das massas”. Ou seja, no período da Copa do mundo de 1970, o presidente Médici teria utilizado a mídia para alienar a população brasileira através de uma imagem falsa, sendo esta reproduzida pelos meios de comunicação que enfatizavam a sua paixão pelo esporte.

É notável a relação entre mídia, governo e sociedade na ditadura, sobretudo, no período da Copa do mundo de 1970, de 31 de maio a 21 de junho. Nesse sentido, alguns críticos do regime civil-militar consideram que Médici foi um manipulador das massas ao se apropriar dos meios de comunicação para construir uma imagem de um amante do futebol. Porém, é necessária uma análise que não fique cativa ao referido recorte temporal onde o Médici foi Presidente da República (1969-1974), ou do período de realização da Copa do mundo de 1970. Conforme ressalta Coutinho (2013), é preciso investigar o impacto social do futebol a partir dos significados atribuídos pelo próprio torcedor. Dessa forma, percebe-se que Médici relacionou-se com a prática do futebol não somente durante o período em que era

⁷⁶ *O Dia*. Teresina, 06 jun. 1970, ano XX, n. 3011, p. 06.

presidente do regime civil-militar, mas, afirma Guterman (2006) e Gaspari (2002), Médici gostava de futebol na época em que era um simples cidadão.

Segundo Gaspari (2002), Médici antes da presidência era bom de bola, falava muito de futebol e quase nada de política. Guterman (2006), da mesma forma, defende que o futebol estava presente na vida de Médici desde a sua juventude, pois ele havia jogado como atacante no Grêmio Bajé⁷⁷ e “tinha bom chute”. O jornalista Gaspari (2002) afirma que Médici já no período em que presidiu o Brasil, a prática social estava presente na sua vivência: “Só um tema o estimulava e o descontraía: futebol, Flamengo e Grêmio. Raramente saía de casa, onde consumia o ócio jogando biriba. Sua única atividade social regular era a ida aos estádios, sempre com um rádio colado ao ouvido”⁷⁸.

Assim, de acordo com Gaspari (2002) e Guterman (2006), a relação entre Médici e o futebol não foi concretizada apenas no período do governo civil-militar, em que era mostrado nos jornais durante a Copa do Mundo. Entretanto, é inegável que foi durante o regime ditatorial que os meios de comunicação se apropriaram da postura do presidente próximo ao futebol como estratégia política. A propaganda do governo de Médici enfatizada a personalidade do presidente como um líder político devido à sua relação com o futebol, principalmente, através da televisão que oferecia não só o som, como também a imagem dele como um grande torcedor.

A televisão revolucionou por transmitir, pela primeira vez no Brasil, a Copa do Mundo, possibilitando aos telespectadores acompanhar o jogo sem que saíssem de seus lares. De acordo com Ferreira (2011), a partir da década de 1970, o futebol adquiriu ainda maior importância entre os brasileiros, graças à popularização desse aparelho. Percebe-se que a televisão contribuiu para a divulgação do futebol pelo país. Guterman (2006) considerava que, neste período, aumentou a simpatia da população pelo esporte. É também nesse momento em que o governo federal expande o uso dessa tecnologia, pois interessava ao regime: “16 estados da Federação, além do Distrito Federal, receberam imagens da Copa, contribuindo para uma sensação de unidade que a ditadura pretendia”⁷⁹.

⁷⁷ O Grêmio Bajé é uma equipe de futebol do Rio Grande do Sul, fundada em 05 de agosto de 1920 com resultado de uma união de outros dois times locais, o Sport Club e o Rio Branco. A equipe foi campeã gaúcha em 1925, e vice-campeã em 1927, 1928, 1937, 1944, 1957. Disponível em: <http://futebolbagual.blogspot.com.br/2014/12/gremio-esportivo-bage.html>. Acesso: 21 de jan.2015.

⁷⁸ GASPARI, 2002, p. 132.

⁷⁹ GUTERMAN, 2006, p. 117.

Os políticos da ditadura civil-militar souberam bem fazer uso da TV para mostrar uma imagem positiva do governo Médici e, através da transmissão dos jogos de futebol, construir a ideia de uma nação unida. Essa possibilidade se dá graças aos esforços do regime militar em trazer os benéficos da transmissão ao vivo, através da televisão. A edição do *Jornal do Piauí* do dia 23 de junho de 1970, destaca:

Graças à televisão, o entusiasmo do brasileiro saiu da área esportiva para atingir a todas as classes para fazer vibrar até mesmo que nunca tivera o maior interesse por futebol. Jornais, emissoras de televisão trataram de levar a informação completa perfeita, do que estava ocorrendo no México. Mas a vitória no maior, em particular, é da televisão. O governo brasileiro, na pessoa do presidente Médici e do Ministro das Comunicações, através da Embratel possibilitou a irradiação ao vivo, diretamente do México, das partidas da Copa de 70 que interessaram de perto o povo brasileiro. Louvores, agradecimentos e aplausos ao presidente do Brasil pelo apoio firme que deu ao encaminhamento do assunto.⁸⁰

Na matéria *Jornal do Piauí* transcrito acima, o jornal reproduz de maneira orgulhosa o impacto positivo trazido pela Copa do mundo, capaz de unir a nação brasileira. E nesse período, foi nítido o aumento da compra de aparelhos de TV, em plena política de Médici. De acordo com Gaspari (2002), os trabalhadores tinham em suas casas 4,58 milhões de aparelhos de televisão, aumentando significativamente ao considerar que em 1964 era apenas 1,66 milhão. Concomitantemente, aumentou também o número de emissoras. Segundo Ferreira (2011), o Brasil tinha 45 (quarenta e cinco) emissoras de televisão licenciadas quando Médici assumiu. Nesse período, o governo concedeu mais de 20 (vinte) licenças, o que ajudou, consideravelmente, no crescimento da Rede Globo de Televisão.⁸¹

Conforme afirma Magalhães (2013), foi durante a ditadura civil-militar que de fato houve investimento público aos meios de comunicação do Brasil e desenvolveu-se o sistema de telecomunicações através da Embratel. Momento em que a condição financeira de uma parcela da sociedade lhe possibilitou a compra do aparelho de TV. Porém, essa situação foi paradoxal, pois para uns a aquisição do aparelho receptor lhe garantia a emoção de acompanhar os lances dos jogos e outros programas; já para outros o sentimento de exclusão. Na edição do jornal *O Dia*, de 08 de junho de 1970, Pompílio Santos escreveu o seguinte:

Coluna do Pompílio Santos

Assisti completamente emocionado e meio incrédulo às transmissões via-satélite da abertura dos jogos do campeonato mundial de futebol, domingo

⁸⁰ *Jornal do Piauí*. Teresina, 23 de jun. 1970, ano XIX, n. 3080, p. 02

⁸¹ De acordo com Santos (2012), a Rede Globo foi uma das emissoras responsáveis à transmissão dos jogos na Copa e se tornou a maior do país.

último na cidade do México. Coisa linda e esplendorosa, e que nos leva meditar sobre a bondade da inteligência humana quanto a serviço do bem. Entretanto muito dos habitantes de Teresina não estão podendo gozar dessa beleza por não poder adquirir um televisor. Acho que a prefeitura de Teresina, a exemplo o que fazem as outras prefeituras, poderia colocar nos diversos bairros da capital televisores para que a população também possa vibrar com o Brasil, na Copa do Mundo. Se a prefeitura não pode fazer isso que apareçam casas comerciais, arrojadas tipo Armazém Paraíba. Entretanto não pode o povo pobre de Teresina ficar a margens e deixar de assistir a espetáculos de rara beleza como este.⁸²

A edição jornal *O Dia*, a *Coluna de Pompílio Santos* mostrava os efeitos positivos advindos através do aparelho, uma vez que era possível acompanhar visualmente a seleção brasileira na busca pelo tricampeonato mundial, no México. Mas, não escondem, no discurso, os excluídos. Já que os políticos não realizavam uma medida para que muitos torcedores conseguissem condições de renda a fim de adquirir um aparelho de TV, para o jornalista Pompílio Santos diz que a solução seria que os pobres se deslocassem para determinados lugares da cidade para que pudessem gozar da partida esportiva. Assim, os pobres poderiam se aproximar da inovação impulsionada pelo governo, mas depois dos jogos a sua realidade social permaneceria, sem essas novidades disponibilizadas pelo “milagre econômico”, como a televisão.

No período da Copa de 1970, a televisão ainda era novidade, levando em conta que apenas 25% dos domicílios urbanos possuíam o aparelho⁸³. E esse número era menor nas zonas rurais do Brasil, devido à ausência de investimentos na área de telecomunicações, e pela pouca condição financeira de grande parte da população brasileira. Essas tecnologias estavam restritas, principalmente, às grandes cidades do país. Além disso, de acordo com Guterman (2006), era necessário que os compradores adquirissem, além da televisão, receptores de TV apropriados para o sistema PAL-M, que permitiria assistir aos jogos na TV em cores, e Médici era um dos poucos a possuir esse aparelho.

Mesmo com as exclusões de vários grupos sociais, que no momento não obtinham poder aquisitivo para a compra do aparelho, alguns editores de matérias jornalísticas faziam questão de tentar impactar os brasileiros de maneira exagerada. Sua intenção era utilizar o trabalho realizado pelo governo brasileiro, nos investimentos sobre a telecomunicação, como estratégia de democratização da cultura através da televisão⁸⁴. A edição do jornal *O Dia*, em

⁸² POMPÍLIO SANTOS. Coluna do Pompílio Santos. *O Dia*. Teresina, 04 jun. 1970, ano XX, n. 3009, p. 01.

⁸³ Magalhães (2013, p. 99).

⁸⁴ Ortiz (2006, p. 117).

22/23 de Junho de 1970 destaca: “o milagre da TV foi o máximo que poderia acontecer nesta Copa. [...]. O México, campeão mundial da amizade - nos tocou profundamente. A Embratel⁸⁵ é hoje talvez a empresa mais popular nesse país que é a capital do futebol do mundo⁸⁶”.

Outra edição do jornal *O Dia*, em 20 de Junho de 1970, aponta: “A finalíssima mexerá com o coração e os nervos de noventa milhões de brasileiros que estão unidos com um “elo” na mesma emoção hoje. [...] acreditamos na vitória brasileira⁸⁷”. E através dessa reprodução há a união interna em torno de um bem comum: torcer pela a seleção brasileira através da televisão, que estabeleceu também uma oportunidade para os editores dos jornais apontarem a “união” do país. As matérias jornalísticas apontavam que os brasileiros, no período da Copa do Mundo de 1970, formavam um “elo”, vivenciando uma harmonia social resultante dos sentimentos proporcionados através das expectativas sobre o êxito da seleção “verde e amarela” no México.

E nesse meio essa mobilização social, os editores das matérias estimulavam o orgulho nacional. *O Jornal do Piauí*, em 25 de junho de 1970, destaca: “Nunca fomos tanto nacionalistas como agora. Nunca sentimos tão aprofundadamente o palpitar da nossa sensibilidade nacional. Nunca em tempo algum fomos tão brasileiros”⁸⁸. Nesse sentido, ao apontar o auge do “nacionalismo” e da “sensibilidade nacional”, infere-se que a comunicação incentivava o orgulho pelo Brasil, no período de administração política dos civis e militares.

No período da Copa do mundo de 1970, a propaganda do governo de Médici buscou divulgar aos brasileiros, uma “unidade nacional”, considerando a população que incentivava a seleção nos jogos da competição: “90 milhões em ação, pra frente Brasil. Salve a seleção”. Essas estratégias atrelavam-se para além da participação popular dos brasileiros estimulando no desempenho da seleção “verde e amarela” ao “desenvolvimento” do país. Ou seja, segundo a propaganda do governo, toda a torcida que apoiava o sucesso da seleção brasileira defendia o governo ditatorial. E essa ideologia era refletida também por parte dos brasileiros, porque, àquela época, parcela da sociedade não torcia pelo sucesso da seleção “verde e amarela” no Copa do mundo de 1970. Ainda, conforme lembra Guterman (2010), parte da intelectualidade brasileira, que estava na luta armada ou no exílio, considerava que torcer pela seleção naquela oportunidade significava compactuar com o regime.

⁸⁵ Empresa de telecomunicação criada pelo governo civil-militar em 1965.

⁸⁶ *O Dia*. Teresina, 22/23 jun. 1970, ano XX, n. 3023, p. 01.

⁸⁷ *O Dia*. Teresina, 21 jun. 1970, ano XX, n. 3022, p. 03.

⁸⁸ JORNAL DO PIAUÍ. Teresina, 25 jun. 1970, ano XIX, n. 3080, p. 03.

3.3 A popularidade do Governo Médici e o “Brasil: ame-o ou deixe-o”

Emílio Garrastazu Médici assumiu a Presidência da República no dia 30 de outubro de 1969, momento em que a ditadura civil-militar atingia o seu auge por meio de tortura, repressão e censura. Esse período ficou conhecido como “Anos de Chumbo”. Momento paradoxal, pois ao mesmo tempo em que a ditadura se intensificava, os anos de 1969 a 1974 foram os de maior prosperidade e otimismo socioeconômico do país, como assegura a historiadora Janaina Martins Cordeiro (2009), em seu artigo intitulado *Anos de chumbo ou anos de ouro: a memória social sobre o governo Médici*.

A partir de 1969, quando Médici assume o poder, uma das metas do governo civil-militar era alcançar sua popularidade. Tal intuito pode ser verificado no discurso de posse do novo presidente: “Espero que cada brasileiro faça justiça aos meus sinceros votos de servi-los e confesso lealmente que gostaria que meu governo viesse, afinal, a perceber o prêmio de popularidade⁸⁹”. Tamires Carvalho (2014), em sua dissertação *Entre o nacionalismo político e o nacionalismo econômico: representações do Brasil na Revista Veja (1968-1974)*, aponta que, em outubro de 1970, a revista *Veja* fez uma enquete com os jovens da época sobre a imagem o governo de Garrastazu Médici e enfatiza que a média do resultado foi 8,5 (oito e meio).

Em julho de 1971, foi publicada outra pesquisa, agora realizada pelo IBOPE, que assegurava que a popularidade do governo Médici era de 82% de aprovação, conforme relata o jornalista Elio Gaspari (2013) na obra *A Ditadura Derrotada* (2003). Através dessas pesquisas, pode-se observar que parte da população brasileira aprovava a administração política do governo Médici, por conseguinte, a ditadura civil-militar no Brasil.

Gaspari (2013) e Carvalho (2014) consideram que essa popularidade pode ser explicada através de algumas medidas administrativas, construção de obras realizada durante o regime civil-militar e, ainda, pela vitória da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970. De acordo com Cordeiro (2009), essa imagem positiva se dá por alguns fatores, a saber:

O período do “Milagre Brasileiro” e da grande euforia proporcionada pelo crescimento econômico; do entusiasmo pela conquista do tricampeonato mundial de futebol em 1970; dos estádios lotados aplaudindo o general-

⁸⁹ Guterman (2006, p. 65), apud MÉDICI, Emílio Garrastazu. *A verdadeira paz*. Brasília: Secretaria de imprensa da Presidência da República, 1973, p.56.

presidente da vez; da expansão das fronteiras, que integravam o país, e das grandes obras *faraônicas*.⁹⁰

Dentre os fatores que contribuíram para a popularidade de Médici, Cordeiro (2009) destaca as iniciativas do governo na infraestrutura e o apoio dos entusiastas que aprovavam não só sua administração, como relacionavam sua imagem à alegria proporcionada pelo futebol, uma vez que a presença do presidente da República no estádio era sempre realçada. A construção dos novos estádios⁹¹ e a mobilização social através da exaltação da conquista do tricampeonato mundial de futebol foi importante para o crescimento da popularidade do regime ditatorial de Médici.

Provavelmente, o “milagre econômico” tenha sido o principal fator para a imagem positiva do regime militar, visto que, neste período, uma parcela da população viu sua condição socioeconômica mudar para melhor. De acordo com Elio Gaspari (2003), em a *Ditadura Escancarada*, pelos dados do censo de 1970, nota-se que a renda nacional passava por uma profunda modificação nos últimos dez anos:

A faixa dos 5% mais ricos aumentara sua participação na renda em 9% e detinha em suas mãos 36,3% da renda nacional. Já a faixa dos 80% mais pobres diminuía sua participação em 8,7% em relação ao que tinha em 1960 e ficara com 36,8% da renda. Dada a expansão da economia, isso indicava que os ricos ficaram mais ricos.⁹²

Dessa maneira, pode-se perceber uma visível administração política generosa à classe média alta brasileira, e infere-se por que se reconhecia de maneira positiva o regime civil-militar. De acordo com Magalhães (2013), em 1970, via-se no Brasil o período de maior popularidade do regime, sob a presidência de Médici, durante o “milagre econômico”. A elite e a classe média brasileira estavam contentes com a sua situação financeira, porque cresceram economicamente, em especial, nos “Anos de Chumbo”, período em que sociedade, seleção brasileira e o regime civil-militar, mantiveram relações durante a Copa do Mundo.

O historiador Eliazar João da Silva (2014, p.87), em sua tese *A seleção brasileira de futebol nos jogos da Copa do mundo de 1930 e 1958: O esporte como um dos símbolos de identidade nacional*, considera que, na visão do governo militar, no período de realização da Copa do Mundo de 1970, torcer pela equipe brasileira de futebol significaria, simbolicamente,

⁹⁰ CORDEIRO 2009, p. 08.

⁹¹ De acordo com Ferreira (2011, p.03) durante o governo militar foram construídos mais de 30 estádios com capacidade superior a 40 mil pessoas.

⁹² GASPARI, 2003, p. 214.

lutar pelo progresso do país. Nesse sentido, o desejo pelo bom desempenho da Seleção dentro de campo, resultaria em compactuar ao regime que, àquela época, dirigiam o Brasil rumo ao “avanço socioeconômico”. Em contrapartida, aqueles que se apresentassem contrários à política ditatorial do Brasil, deveriam ser expulsos do Brasil. Para os militantes de esquerda, o *slogan* “Brasil: ame-o ou deixe-o”, do governo Médici, encaixa-se tão bem, de maneira que ele também foi aplicado ao futebol, como vemos nos capítulos a seguir.

4 COPA DO MUNDO DE 1970 E O GOVERNO MÉDICI NAS PÁGINAS DO JORNAIS *O DIA* E *JORNAL DO PIAUÍ*

Em 1970, a imprensa piauiense transmitiu diversas informações para boa parte do estado do Piauí e, dentro de uma variação de jornais da cidade, pode-se destacar o *Jornal do Piauí* e o jornal *O Dia*. A linha editorial dos jornais, inferindo que omitiam determinadas notícias, apresentavam matérias jornalísticas expondo informações que eram reproduzidas, a saber: sobre a sociedade, com a disseminação das ideias comunistas pelo país; e futebol, diante do máximo das expectativas de boa parte dos piauienses interessa em saber sobre a participação da seleção Brasileira na Copa do mundo de 1970. Ambos os jornais, apontou o Presidente da República Médici relacionado com as temáticas, pois esses meios de comunicações eram propriedade de indivíduos de influência política e/ou que tinham preocupação com temática.

De acordo com a historiadora Marylu Alves de Oliveira (2007), em sua obra intitulada *Contra a foice e o martelo: considerações sobre o discurso anticomunista piauiense no período de 1959-1969: uma análise a partir do jornal “O Dia”* afirma que os editores do jornal tinham relações políticas. Segundo Oliveira (2007), a partir de 1963, ou seja, um ano antes do golpe civil-militar, o proprietário do jornal passa a ser o Coronel Otávio – homem de grande influência política⁹³ – que, devido também a vertente conservadora dos editores a favor da democracia, apoiaram a deposição de João Goulart. Os editores dos jornais além de aceitarem a “Revolução” de 1964, aprovavam a continuidade do regime na medida em que combatiam o comunismo nas suas comunicações. Assim, *O Dia* trata-se de um jornal cujos diretores preocupam-se com a questão política, parecido com o *Jornal do Piauí*.

⁹³ De acordo com Lima (2014, p. 60) O Coronel Octávio Miranda nasceu em 3 de março de 1912, e faleceu em Teresina, em 22 de junho de 2002. Trabalhou no Exército, servindo no Rio de Janeiro e, no Piauí, comandou o 25º BC (Batalhão de Caçadores). Foi militante político e foi eleito a Deputado Estadual, em 1947 e 1951. Além da função militar, ocupou-se com atividades ligadas aos ramos da comunicação, tornando-se proprietário do jornal *O Dia*, em 1963, e da *Rádio FM O Dia*, em 1981.

Na tese *Relações de poder e práticas jornalísticas em O Dia, A Cidade e Jornal do Piauí (1951 a 1954)*, de autoria da historiadora Nilsângela Cardoso Lima (2014), nota-se que o *Jornal do Piauí* desde a sua criação apresentou notícias sobre sociedade, cultura e, especialmente, política, para os piauienses. Segundo Lima (2014), apesar dos editores do *Jornal do Piauí* considera-lo como um órgão independente, na prática, utilizava o veículo de comunicação para opinar escrevendo matérias voltadas para o debate de ideias e as polêmicas políticas e partidárias, por meio de uma linguagem combativa, na luta pelo progresso do Piauí. Além da questão política local, o jornal exibia notícias no âmbito nacional.

Lima (2014), afirma que também estava na pauta do *Jornal do Piauí* defender os poderes constituídos, lutar pelas boas causas que visassem o interesse do Estado, da democracia e dos seus poderes constituídos; e de lutar contra a “desordem, o crime, os traidores, os covardes e os inimigos do povo”⁹⁴. Essa militância dos diretores do *Jornal do Piauí*, como veremos, foi adaptada aos interesses do Governo Médici no período da Copa do mundo de 1970.

Nesse período, os meios de comunicações impulsionou a relação entre os torcedores e a seleção brasileira que, muitas vezes, agradava a ditadura civil-militar. Pois como dito anteriormente, Silva (2014) reflete que na avaliação do Governo Médici no período de realização da Copa do Mundo de 1970 torcer pela equipe brasileira de futebol significaria, simbolicamente, lutar pelo progresso do país. Nesse sentido, o desejo pelo bom desempenho da Seleção dentro de campo, resultaria em compactuar ao regime que, àquela época, dirigiam o Brasil rumo ao “avanço”. Porém, quem era de postura contrária não era aceito pelo Governo Médici, inclusive, no futebol.

4.1 “Brasil, ame-o ou deixe-o”: “João Sem Medo” foi demitido da seleção brasileira

Analisado antes, o governo de Médici (1969-1974) foi o auge da ditadura civil-militar, por razões das repressões, torturas, presos políticos, censura e exílios. Por conta disso, o período é conhecido como os “Anos de Chumbo”. O seu governo contou com uma vasta propaganda com o intuito de evidenciar as ações realizadas pelo presidente, sua visão sobre a sociedade brasileira era destacar aquilo que considerava pontos positivos do país durante o regime militar. Essa propaganda foi organizada pela Assessoria Especial das Relações Públicas (AERP), que, segundo Magalhães (2013), tinha como objetivo inicial:

⁹⁴ LIMA, 2014, p. 81.

Coordenar a comunicação entre o regime, os órgãos setoriais e a sociedade civil em geral, procurando assim obter um sistema político integrado que permitisse a execução de um projeto político oficial. Durante o governo de Médici, a agência buscava vender noções de cidadania e “guiar” a sociedade nesta direção, porém sem um discurso muito politizado que poderia afastar a população.⁹⁵

Nesse sentido, a AERP, formada por sociólogos, psicólogos e jornalistas, tinha como intenção realizar uma comunicação que demonstrasse o plano do regime. E foi no governo de Médici, no auge da ditadura, que o departamento de imprensa do governo lançou uma série de propaganda sobre a civilidade, com finalidade de influenciar a opinião popular.

Fico (2007), em sua obra *O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*, destaca que a AERP foi a maior campanha de propaganda já vista no Brasil, tendo como finalidade enaltecer o governo de maneira ufanista e, com isso, desviar a atenção do público para “fatos notáveis”. O autor destaca que há uma contradição na postura dos militares em não admitirem que tais medidas fossem representações de propaganda. Para os militares, a publicidade construída era simples comunicações sociais, e não uma propaganda organizada com propósito de manipular a opinião popular. Nessa conjuntura, Fico (2007) aponta que outras atitudes vergonhosas foram realizadas no período do regime em negar as torturas, e até mesmo que aquele regime não era uma ditadura. Essa publicidade atingia diversos meios de comunicações como rádio, jornais e televisão.

A televisão foi inaugurada no governo Costa e Silva (1967-1969), porém foi no governo de Médici que esse meio de comunicação ganhou uma força maior, sendo utilidade para a veiculação de *slogans*, como “Brasil: ame-o ou deixe-o”⁹⁶. No entanto, apesar desse slogan ter sido criado como estratégia do governo para estabelecer uma passividade no país, seu significado pode ter causado efeito contrário. Marcos Guterman (2006) afirma que o slogan “Brasil: ame-o ou deixe-o”:

Era muitas vezes mais determinante para a construção do clima de confronto nacionalista e patriótico que acabou por se estabelecer do que propriamente as eventuais estratégias de propaganda do governo para disseminar seus valores, como orgulho nacional e o senso de ordem e dever. Pelo contrário, a

⁹⁵ MAGALHÃES, 2013, p. 150

⁹⁶ Conforme Guterman (2010, p. 113), esse slogan foi criado em Abril de 1970 por um grupo de empresários paulistas possivelmente ligados à Operação Bandeirante, sob a inspiração de americanos ligados à Guerra do Vietnã. Segundo o autor, o slogan ganhou uma impressão não prevista por seus criadores: bancas de jornal vendiam adesivos com a frase, e o slogan era desenhado por crianças em aula.

ideia de confronto, em alguns aspectos, contrário os objetivos “pacificadores” do governo militar.⁹⁷

Segundo Guterman (2006), se analisado dentro da proposta do governo, o *slogan* “Brasil: ame-o ou deixe-o” foi impróprio por provocar um enfrentamento interno àqueles que não se sujeitassem ao regime. A esses indivíduos, o caminho seria o abandono forçadamente da nação. Apesar dessa iniciativa inadequada, uma vez que o governo pretendia transmitir uma imagem pacífica do Brasil, a atitude marcante da AERP foi a divulgação da música “Pra Frente, Brasil”⁹⁸, que serviu de hino para os torcedores que incentivaram a seleção brasileira que, na época, disputava o tricampeonato mundial de futebol:

Noventa milhões em ação/ Pra frente Brasil, no meu coração/ Todos juntos, vamos pra frente Brasil/ Salve a seleção!!!/ De repente é aquela corrente pra frente,/ parece que todo o Brasil deu a mão!/ Todos ligados na mesma emoção,/ tudo é um só coração!/ Todos juntos vamos pra frente Brasil!/ Salve a seleção.⁹⁹

A música foi publicada às vésperas da final da Copa do Mundo de 1970 pelos jornais teresinenses. O jornal *O Dia*, edição de 10 de junho de 1970 destaca: “Essa música está sendo cantada por milhões de brasileiros. Esta é a letra para que todos cantem”¹⁰⁰. Nesse sentido, a propaganda, através da reprodução da música, considerava a situação festiva na cidade. Até porque essa canção transmitia uma ideia de coesão nacional, em pleno auge da opressão dos militares que, ao lado dos civis, administravam politicamente o país. De acordo com Guterman (2006), a música “Pra Frente, Brasil” construía a representação “de unidade nacional, o fim das divergências com vista a um objetivo comum, a paixão pelo Brasil e pelo brasileiro e a ordem de avançar, de um movimento ‘pra frente’ numa só ‘corrente’”.¹⁰¹

E através dessa música pretendia-se negar o caráter autoritário da ditadura. O historiador Guterman (2006), em sua dissertação intitulada *O Futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*, argumenta que a finalidade da AERP era criar uma atmosfera de harmonia social, construída a partir da consciência do “coletivo” que daria legitimidade ao regime.¹⁰²

⁹⁷ GUTERMAN, 2006, p. 14

⁹⁸ Segundo Guterman (2006, p. 122,123), a música *Pra Frente, Brasil* teve sua letra escrita por Miguel Gustavo, com contribuição indireta de Médici. Na época um famoso compositor de jingles publicitários e de samba. A música foi vencedora de um concurso promovido pelos patrocinadores da Copa.

⁹⁹ Idem, 2006, p. 122.

¹⁰⁰ *O Dia*, Teresina, 10 jun. 1970, ano XX, n. 3014, p, 01.

¹⁰¹ op. cit. 2006, p. 123.

¹⁰² GUTERMAN, 2006, p. 159.

O governo fez uso da propaganda governamental para construir a ideia de passividade interna no Brasil. No período da Copa do Mundo de 1970, a assessoria de imprensa do governo civil-militar encontrou um campo fértil para disseminar o nacionalismo através do esporte. Lívia Gonçalves Magalhães (2013), em sua tese intitulada *Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina*, afirma que para o Brasil, nessa época, o futebol se consolida como um símbolo da identidade nacional:

O momento máximo de expressão do nacionalismo através desse esporte, pois é quando as nações são ratificadas na seleção de cada país. E é nesse contexto que alguns governos passam a considerar a seleção de futebol pela nação que representa e “símbolos nacionais de diferentes ordens se fundem, bandeiras, hinos, cada elemento toma como peça em uma unívoca ideologia da superioridade nacional sobre o resto do mundo”. E se o futebol é um importante elemento de formação da identidade, as Copas são os momentos em que ela se manifesta em relação ao *outro*, a partir do reconhecimento da seleção nacional como elemento de uma determinada *comunidade imaginada*.¹⁰³

Em 1970, a Copa do Mundo já era um evento que muitas pessoas se uniam a favor da representação do país, a seleção. Os torcedores cantam os hinos como possibilidades de impulsionar a equipe, e utilizam a bandeira do país como maneira de esbanjar nacionalismo e patriotismo, através da representante do país na grande competição de futebol. Torna-se, assim, a participação popular em torno da Copa do Mundo.

Nesse contexto de participação popular, a AERP organizou suas redes de comunicação no auge das movimentações cívicas em torno da torcida brasileira pela seleção brasileira, mergulhadas numa rede informações relacionadas ao evento. Dessa forma, criava-se um espetáculo em torno da Copa do Mundo de 1970, sob a interferência do Estado, aplicando suas táticas, sob a ideologia da participação dos cidadãos na seleção, formando uma ideia de unidade nacional. Ou seja, coube a assessoria da AERP realizar estratégias que buscavam a efetivação dos seus interesses do governo em sua propaganda, capaz de atrelar política, sociedade e futebol, dentre as suas comunicações sobre o envolvimento do popular aos projetos de grandeza do governo.

Para a Copa do mundo de 1970, a seleção brasileira precisava de um técnico experiente que contribuísse para que o desempenho no campo esportivo tivesse êxito. Esse novo técnico deveria orientar a seleção rumo ao título, e que o fracasso da copa anterior, em

¹⁰³ MAGALHÃES, 2013, p. 58.

1966 (eliminada na primeira fase, e pressionada por muitos jornalistas esportivos por renovação), não se repetisse.

Segundo Nascimento, Mendes e Naiff (2014), os críticos esportivos afirmavam que o saldo negativo advindo da Copa do Mundo de 1966 serviu para que se percebesse, àquela época, que a seleção brasileira necessitava melhorar seu desempenho físico. Agora, era necessário aperfeiçoar as habilidades da equipe para que pudesse enfrentar, em igualdade e condições, as seleções europeias, na Copa do Mundo de 1970.

O jornalista Antonio Carlos Napoleão (2002), em sua obra intitulada *O Brasil de todas as copas*, aponta que jornalista esportivo João Saldanha era um nome forte para o suprimento da vaga de treinador, por razões de ser ex-jogador e de ter tido experiência como técnico de futebol no Botafogo do Rio de Janeiro entre 1957 e 1959. Saldanha também era cronista esportivo de grande prestígio no período, e conhecido popularmente como “João Sem Medo”, por causa da sua personalidade forte e pela veemência em defender suas posições. João Saldanha era um dos principais críticos do modelo da seleção brasileira de jogar futebol, e dava sugestões sobre como a equipe bicampeã mundial poderia se reerguer.

João Saldanha parecia para muitos como uma esperança capaz de orientar a seleção brasileira, rumo ao tricampeonato mundial inédito entre todas as seleções mundiais. Com tal popularidade adquirida através da mídia, Saldanha era homem que incomodava o governo por ser filiado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), ou seja, adepto de uma ideologia que, na visão do governo, buscava fazer uma revolução que traria malefícios ao país. E em 1969, o presidente da CBD (Conferência Brasileira de Desportos), João Havelange, convoca o jornalista para o cargo de treinador da seleção brasileira que, cada vez mais, passava a ser monitorado pelo regime. De acordo com Ávila (2013), na década de 1970, os jogadores brasileiros tiveram um acompanhamento muito próximo do governo brasileiro, seja pela presença de Médici nos estádios ou pela presença de preparadores físicos ligados ao Exército.

Os militares, sem dúvida, esperavam um trabalho satisfatório para que servisse como um bom processo preparatório para a Copa. E o esperado foi positivo, pois sob o comando do novo técnico, no período de 04 de fevereiro de 1969 a 17 de março de 1970, a seleção obteve bons resultados nas eliminatórias que a classificariam para a Copa do Mundo de 1970, recebendo o apelido de “Feras de Saldanha”. O trabalho realizado pelo treinador foi tão reconhecido que, mesmo com seu afastamento antes da competição, dando lugar a Zagalo, o

jornal *O Dia* ressalta os méritos da conquista da Copa à Saldanha, destacando: “Zagalo deve dividir com Saldanha os louros da maior vitória do futebol brasileiro”.¹⁰⁴

A seleção brasileira obteve uma campanha considerável nas eliminatórias para a Copa de 1970. E, antes do início da competição, que iniciaria em 31 de maio de 1970, a seleção passa por um intervalo de tempo entre o fim das eliminatórias e o começo da Copa. Nesse período a seleção realizou amistosos de preparação. Porém, alguns resultados insatisfatórios nesses jogos redundaram numa série de críticas ao comando de Saldanha por parte da imprensa brasileira¹⁰⁵. Inicialmente, essa crise não esteve relacionada somente ao aspecto técnico do treinador, mas por questões sociais resultantes de desentendimentos com a comissão técnica, jogadores, imprensa e outros treinadores, acontecendo na curta temporada em que dirigiu a seleção.

De acordo com Guterman (2006), o técnico foi alvo de polêmicas fora do campo no conflito com o técnico do Flamengo, Dorival Knipel, onde, supostamente, Saldanha apareceu na concentração do clube carioca portando um revólver, para resolver desavenças. Esse fato foi negado pelo “João Sem Medo” a respeito do porte da arma no programa *Roda Viva*¹⁰⁶, em 1987, entretanto, o ex-treinador reconheceu o desentendimento.

Dois dias depois da saída de João Saldanha do cargo de treinador da seleção brasileira, a edição do jornal *O Dia* de 19 de março de 1970 destacou a renúncia do coordenador da seleção, o Sr. Antônio de Passos, por divergências com Saldanha: “a Copa do Mundo se avizinha e nós estamos mergulhados em briguinhas que pouco constroem. Do jeito que está, a vaca vai tranquilamente para o brejo. Precisamos estar unidos para o bem do futebol brasileiro¹⁰⁷”. Nessa matéria, o jornal aponta as desavenças ocorridas dentro da CBD, às vésperas da Copa do Mundo de 1970, e que a continuidade desses combates fora de campo poderia interferir maleficamente no desempenho da seleção no México. Houve também outros fatores que poderiam ter contribuído para o desprestígio do técnico, como as críticas direcionadas à condição física de Pelé nos jogos, que nesse período já era considerado o maior

¹⁰⁴ O DIA. Teresina, 22/23 de jun.1970, ano XX, n. 3025, p.01.

¹⁰⁵ Em 03 de setembro de 1969, a seleção brasileira perde para o Atlético Mineiro (MG) por 3x1; em 04 de março, nova derrota por 2x0 para a Argentina; e dia 14 de Março a seleção apenas empatou por 0x0 com o Bangu (RJ). (MAGALHÃES, 2013, p. 111).

¹⁰⁶ RODA VIVA, 1987, TV Cultura. Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=jo%C3%A3o+saldanha+roda+viva. Assistido em 08 de Dezembro de 2015.

¹⁰⁷ JORNAL DO PIAUÍ. Teresina, 19 de mar.1970, ano XIX, n. 3050, p. 01.

jogador de futebol de todos os tempos. Fato reproduzido pelo *Jornal do Piauí* e que parece ter incomodado seus editores.

Na vitória da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970, o *Jornal do Piauí*, de 12 de junho de 1970, destaca: “Pelé, a maior resposta de Zagalo a Saldanha”¹⁰⁸. Essa polêmica em torno do desempenho físico de Pelé também foi negada por João Saldanha em entrevista realizada ao programa *Roda Viva*, em 1987¹⁰⁹. E foram essas seguidas tensões que puderam ter influenciado para a demissão do recém-contratado treinador da seleção brasileira. Mas, segundo Guterman (2006), a principal razão da saída de Saldanha ainda permanece desconhecida. Embora muitos jornalistas esportivos e historiadores acreditasse que a “prova” para a demissão de João Saldanha pode ter sido por decisões políticas.

O historiador Amazarray (2011), na sua monografia intitulada *Futebol: O esporte como ferramenta política, seu papel diplomático e o prestígio internacional*, destaca que a presença de João Saldanha como treinador da seleção brasileira era indesejada pelos políticos do regime civil-militar, em virtude de sua preferência ideológica e filiação ao PCB. Segundo o próprio João Saldanha, a sua presença como treinador da seleção brasileira incomodava agentes ligados à ditadura:

Tínhamos que matar um leão por dia. No início de 1970, o clima esquentou dentro e fora da seleção. A pressão foi ficando insuportável. A cada dia uma nova casca de banana. Por gente da própria CBD e por gente da ditadura. Era difícil tolerar um cara com longa trajetória no PCB ganhando alguma força bem debaixo da bochecha deles.¹¹⁰

De acordo com Saldanha, os militares, a cada dia, passavam a se indignar com a sua presença, por ser um técnico da seleção brasileira filiado ao PCB. Além dos militares, membros esportivos da própria CBD inquietavam-se com o treinador, por sua ideologia política contrária ao regime brasileiro da época. Assim, João Saldanha previa a sua demissão.

De acordo com Guterman (2006), o último “episódio” foi às vésperas da Copa do Mundo de 1970. Saldanha teria sido comunicado numa entrevista sobre o desejo de Médici de convocar o atacante do “Atlético Mineiro”, Dario, conhecido popularmente como “Dadá Maravilha”, destacado na época por ser um dos cinco maiores artilheiros do país. Em resposta ao presidente, o “João Sem Medo” falou: “O senhor escala o seu ministério, e eu escalo meu

¹⁰⁸MORAS, Herculano. No Pôsto de Escuta. *Jornal do Piauí*. Teresina, 12 de Jun.1970, ano XIX, n.3073, p.06.

¹⁰⁹Roda Viva, 1987, TV Cultura.

¹¹⁰MILLIET, 2006, p. 263 apud AMAZARRAY, 2011, p, 54

time”¹¹¹. Nesse sentido, o treinador não aceitou as posições do líder político nas questões que dizia respeito à seleção, pelo menos não na convocação da equipe que viajaria ao México. Dois dias depois o técnico foi demitido.

Havia também o temor de que o treinador falasse à imprensa mundial, localizada na sede da copa, sobre a situação social e política do país. Segundo Magalhães (2013), Saldanha realizava ações contra a ditadura, denunciando os crimes em suas viagens no exterior como técnico da seleção. Guterman (2006) também registra que, eventualmente, havia o temor por parte do governo de que “João Sem Medo” pudesse falar ao microfone sobre as censuras, as torturas, as prisões e a situação dos exilados do país.

Nesse sentido, torna-se evidente que a postura de João Saldanha incomodava o regime, pois, havia a grande possibilidade de que o comunista destacasse para a imprensa mundial a situação de terror vivida por muitos brasileiros durante o regime civil-militar dos anos 1970. Além do receio a respeito do senso crítico do treinador, o regime também temia que, dentro da possibilidade da conquista do título mundial, a ênfase da conquista pudesse ser confundida.

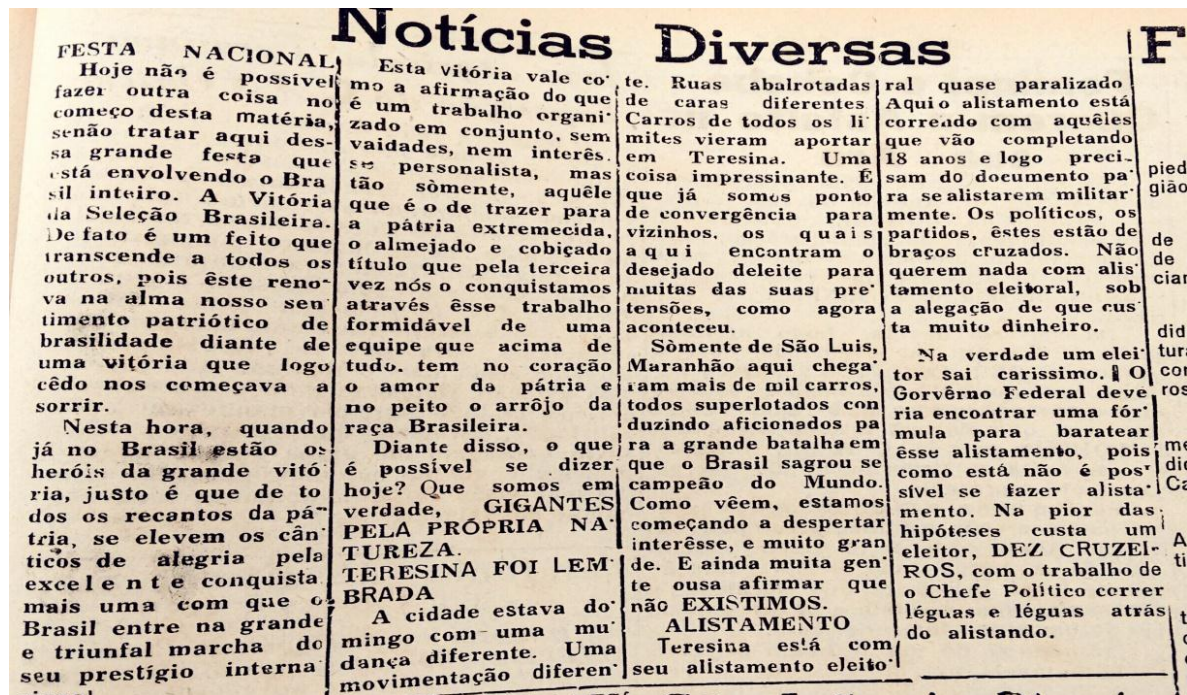
Saldanha, como já dito, incomodava o governo civil-militar por razões de ser comunista. E Nelson Rodrigues (1993), em sua crônica esportiva publicada no jornal *O Globo* de 19 de Março de 1970, declara que: “havia o terror de que voltasse, do México, com o caneco de ouro, para sempre. Imaginem o João passeando na avenida, e de maçã na boca, como um triunfal leitão assado”¹¹². Metaforicamente, o cronista apontava para a imagem positiva que o comunista teria ao lado da taça *Jules Rimet*. Isso, sem dúvidas não se encaixava na proposta do governo ditatorial, pois havia os cuidados de Médici em reproduzir uma “boa” imagem do Brasil.

O governo ditatorial se utiliza das matérias de jornais Brasil afora, utilizando táticas para atrair a visibilidade do público. Nota-se na edição do *Jornal do Piauí*, do dia 23 de junho de 1970, a busca pela representação da imagem que, por exemplo, pretendia ser mostrada pela mídia. Nessa edição, pode-se destacar a conquista do tricampeonato mundial de futebol no período reproduzido pela imprensa. O resultado do espetáculo serviu para enfatizar a ideia dos brasileiros que representassem bem o Brasil sob a ótica do governo. Tal situação é mostrada no *Jornal do Piauí*, logo após a conquista da Copa do Mundo de 1970.

¹¹¹ GUTERMAN, 2006, p. 86.

¹¹² RODRIGUES, 1993, p. 182.

Figura 2: Coluna “Notícias Diversas”



Fonte: NOTÍCIAS DIVERSAS. *Jornal do Piauí*. Teresina, 23 de jun. 1970, ano XIX, n. 3080, p. 3.

Através da conquista da Copa do mundo de 1970, o *Jornal do Piauí* destaca o sentimento de patriotismo expandido diante das comemorações em torno da conquista título e um clima pacífico vivenciado por teresinenses e maranhenses. Na matéria do jornal, não é destacada o trabalho dos treinadores: seja Zagallo, na sua atuação presente à época; nem das contribuições do treinador anterior, o “João Sem Medo”. O foco do jornal, além das ações realizadas pelos militares na preparação da equipe quando se refere: “um trabalho organizado em conjunto”, são os jogadores, vistos como heróis, posto que a seleção brasileira trouxe, definitivamente, a taça *Jules Rimet*, após disputar o título de campeã com tantas seleções tecnicamente bem preparadas.

Na informação da notícia, percebe-se a façanha da conquista do título gerou não só uma imagem positiva do estilo brasileiro de jogar futebol, como também a representação de um país grande e contente. Pois na avaliação dos editores do *Jornal do Piauí* a conquista do título da Copa do mundo de 1970 resultou na alegria dos brasileiros e do líder político. E o Presidente da República, Médici, cumprimentou os jogadores e os recompensou pela façanha. Como pode ser observado na matéria intitulada “Alegria do Brasil no México, cumprimentos

do presidente” publicada na edição do Jornal *O Dia* na edição de 16 de junho de 1970 e que se encontra na Figura 3 da próxima página.

Figura 3: Alegria do Brasil no México, cumprimentos do presidente.



Fonte: *O Dia*, Teresina, 16 de jun. 1970, ano XX, n. 3019, p. 06.

Na matéria jornalística de *O Dia*, nota-se que os jogadores foram recompensados pelos seus méritos pelo presidente Médici com “30.000 mil cruzeiros e a redução do pagamento do imposto de renda”. Assim, frente ao reconhecimento do sucesso do futebol, a edição do *O Dia* produz uma boa imagem do líder político da mesma maneira que edição do *Jornal do Piauí*.

A matéria jornalística da edição do *Jornal do Piauí*, do dia 23 de junho de 1970, mostra uma boa imagem de Médici. A mesma apresentava o presidente da República como autêntico reconhecedor dos jogadores como “heróis do Brasil”, ou seja, verdadeiros representantes do país, diferentemente dos adeptos de ideologia comunista. Pois, para a direita conservadora, os comunistas eram prejudiciais ao Brasil. O *Jornal do Piauí*, em 16 de Junho de 1970, enfatiza: “caracteriza o terrorismo como violência contra a vida, contra a prosperidade, contra o esforço nacional de desenvolvimento¹¹³”. No entanto, os comunistas são destacados como indivíduos que afetam a questão social, econômica e política do país. Ainda, nota-se que havia um interesse de retirar o técnico Saldanha da seleção brasileira, para evitar que a população fizesse uma associação da conquista do título mundial a uma imagem positiva do comunismo.

Nesse sentido, Canele (2014), em seu artigo *Da frustração à Glória: O futebol arte e a modernização do futebol nas Crônicas de João Saldanha (1966-1970)*, da coleção *O Brasil e as Copas do Mundo*, afirma sobre a demissão de João Saldanha:

Seu claro posicionamento de esquerda, que incluía um longo passado de militância estudantil e campesina, e o fato de fazer críticas abertas ao governo militar do período tornaram a sua possibilidade de vitória e consequente mérito durante a Copa de 1970 problemas a serem resolvidos pela alta cúpula da CBD sob os auspícios do governo federal. Em caso de vitória no México, Saldanha se tornaria muito poderoso e arrebanhariam os méritos que deveriam ser projetados do governo militar de Médici.¹¹⁴

Canele (2014) propõe que a posição política e ideológica do treinador Saldanha acabou prejudicando a sua permanência no cargo de direção da seleção. A militância de João Saldanha pode ter contribuído para a formação da sua personalidade forte, logo, não tinha receio de manifestar seu pensamento que, muitas vezes, desagradava o governo militar e a administração esportiva. Apelidado de “João Sem Medo”, Saldanha não se inquietou com as irregularidades da política adotada pela seleção brasileira, na época representada pela CBD¹¹⁵,

¹¹³AVILTAMENTO. *Jornal do Piauí*. Teresina, 16 de Jun. 1970, ano XIX, p. 3075.

¹¹⁴CANELE, 2014, p. 84.

¹¹⁵Magalhães (2013, p.187), afirma que o presidente da CBD, João Havelange, sob a condução da seleção, utilizava as vitórias da seleção brasileira como estratégia para obtenção do cargo de presidente da FIFA.

responsável pela demissão do treinador. Assim, no âmbito externo, sua demissão fez parte do projeto do governo de afastar indivíduos que não compartilhassem a ideia da passividade do país, dos “todos juntos vamos, pra frente Brasil”.

Daniel de Araújo dos Santos (2012), em sua dissertação *Futebol e política: a criação do campeonato nacional de clubes*, aborda que a mídia seria fundamental também para legitimar o regime ditatorial através da divulgação de suas benfeitorias e/ou ocultação de fatos e/ou provas que manchariam a imagem do governo. Em plena ditadura civil-militar, principalmente no governo de Médici, os meios de comunicação veiculavam apenas acontecimentos que demonstrassem a união do país. Como exemplo, destacam-se as matérias publicadas sobre as comemorações da conquista da Copa do Mundo de 1970, com a presença do chefe da nação: símbolo da amizade com o esporte. Essa imagem foi reproduzida pela edição do *Jornal do Piauí*, em 23 de Junho de 1970, no auge da mobilização popular:

O nosso presidente, General Garrastazu Médici, máscula figura de estadista, sentindo na carne as palpitações sentimentais do seu povo, uniu-se ao seu povo. Vibrou com seu povo, sorriu, e se emocionou, e tomou os sustos junto ao seu povo. Fez do povo uma sociedade única. Um todo. Partes num todo. Parece que o Brasil inteiro ria, pulava, exultava num só canto, numa só voz, num só grito de entusiasmo. Pra Frente Brasil, Brasil! Salve a seleção!¹¹⁶

Na matéria transcrita acima se observa que não é por acaso que Médici aparece no centro das comemorações não mais como chefe político da nação brasileira que, “unidamente”, festejava a conquista do título, mas como torcedor “número 1” ao lado do seu povo. De acordo com Guterman (2006), todos esforços dos meios de comunicações para aproximar Médici dos brasileiros era, como se vê, bastante facilitado pela própria conduta do presidente, que não perdia nenhuma oportunidade de reiterar sua condição popular. Dessa forma, os meios de comunicação sabiam construir discursos que construíssem a imagem de “harmonia social” do país no decênio de 1970, através do comparecimento ilustre do líder da nação nos eventos populares.

Coincidentemente ou não, o jornal *O Dia*, na edição do dia 25 de junho de 1970, também publicou a mensagem do presidente Médici aos brasileiros após a conquista da Copa do Mundo. Ao longo de seu discurso, o presidente se descrevia como “homem comum”, como “brasileiro” colocando-se em pé de igualdade perante o seu povo:

¹¹⁶ *O Dia*. Teresina, 23 jun. 1970, ano XIX, n. 3080, p. 06.

Mensagem do Presidente da República e os Campeões do Mundo em Brasília

No momento em que o nosso futebol conquista definitivamente a Copa do Mundo, após memorável campanha, na qual enfrentou e venceu adversários do mais alto valor, desejo que todos vejam no Presidente da República, um homem igual a todos brasileiros. Como homem comum. Como brasileiro que, acima de todas as coisas, tem imenso amor ao Brasil e uma crença inabalavelmente no país e neste povo: sinto-me profundamente feliz, pois nenhuma alegria maior no meu coração do que alegria de ver a felicidade de nosso povo, no seu momento da mais pura exaltação patriótica.¹¹⁷

Percebe-se que a estratégia enunciativa do presidente Médici com uma personalidade específica: a autoridade do Presidente da República que se sensibiliza com o futebol. Assim, a matéria jornalística relacionou sua imagem de “homem igual a todos os brasileiros” à vitória da seleção brasileira na Copa do Mundo de futebol, esporte que ao longo dos anos foi sendo utilizado para a construção da identidade nacional e exaltação da pátria. No momento em que esse esporte ganhava cada vez mais popularidade, o futebol era transformado num elo de identificação da nação brasileira. De acordo com Pereira (2012), em seu artigo *Pra frente Brasil: Ditadura Militar, identidade e Copa de 70*, tratava-se de uma tática do governo, cujo objetivo era evidenciar um clima de paz internamente e fortalecer a identidade nacional através do futebol. O governo apoiava o futebol. Logo, o governo é amigo do povo. Essa espécie de diálogo era necessária para o governo, a fim de ganhar popularidade aproximando-se da sociedade, que se estabelecia através do futebol.

A preparação da seleção brasileira para a Copa do Mundo de 1970 se deu com a interferência direta de membros das forças armadas. João Fernando Pelho Ferreira (2011), em seu artigo intitulado *A Copa de 70, o governo Médici e a construção do Morenã*, assegura que:

A preparação para a Copa de 1970 denota a montagem de um esquema militar de treinamento e acompanhamento das atividades da equipe. Para a chefia da delegação foi designado o major-brigadeiro Jerônimo Bastos, que tinha vínculos com a chefia do SNI10. Para sua assessoria foi empossado o major Ipiranga Guarany, cuja principal tarefa era a montagem de um forte esquema de segurança que passaria a envolver a seleção. O condicionamento físico dos jogadores foi entregue aos cuidados de oficiais formados na Escola de Educação Física do Exército, com destaque para Raul Carlesso e Claudio Coutinho, que ajudariam a traçar o já referido Planejamento México.¹¹⁸

¹¹⁷ Mensagem do Presidente da República e os Campeões do mundo em Brasília. *O Dia*, Teresina, 25 jun. 1970, ano XX, n. 3025, p. 06.

¹¹⁸ FERREIRA, 2011, p.07.

A seleção brasileira, às vésperas da Copa de 1970, passa a ter um acompanhamento dos militares. Esses membros exerciam funções administrativas na resolução de questões burocráticas que envolviam a seleção, como também na preparação física dos jogadores para a competição, trabalho organizado antes da Copa. Posteriormente, com o título conquistado meses depois, em 21 de junho de 1970, em plena euforia nacional, parte da mídia fazia questão de lembrar o papel do presidente para a conquista do título mundial e a contribuição dos militares para a consolidação desse projeto nacional.

No Piauí, por exemplo, o *Jornal do Piauí*, edição de 23 de junho de 1970, fez questão de publicar uma matéria dando destaque ao discurso do presidente da República no qual falava da importância do “trabalho de equipe”, “de unidade” e de “amor ao Brasil”. Ou seja, um discurso no qual a identidade nacional construída em torno do futebol é ressaltada como um elemento importante para o patriotismo, na chegada dos jogadores ao Brasil:

APETEÓTICA CHEGADA DOS CAMPEÕES

A nação inteira recebe hoje por entre aclamações mais justas e as alegrias mais patrióticas, num prêmio de vibrações cívicas, a vitoriosa Seleção Brasileira, que em seis partidas sucessiva, sem uma derrota ou empate, colocou bem alto o nome do futebol nacional.

Ao começar o próprio Chefe da Nação, seguido de uma multidão que se misturava de autoridades e povo, todos a uma só voz, a um só eco, acorrem para o Aeroporto de Brasília para viver, saudar e ovacionar aqueles que agora merecem genuflexamente a gratidão nacional. E muito bem afirmou Excelentíssimo Senhor Presidente da República, em sua patriótica mensagem de domingo, após a conquista do título, que a nação reconhecida se rejubilava diante do feito, que é resultado de um trabalho de equipe, de unidade e, sobretudo, de amor ao Brasil.¹¹⁹

Pode-se ainda afirmar que esse trabalho em equipe enfatizava: os jogadores, como heróis; o povo, que emocionalmente torcia pela seleção; e os militares que contribuíram para a preparação dos atletas em um “trabalho em equipe” por amor ao Brasil. E por conta das interferências do governo civil-militar no futebol, Médici participou das comemorações em torno da conquista do tricampeonato de futebol em meio ao povo, incorporando-se aos aspectos sociais, no caso da conquista do título mundial.

De acordo com Guterman (2006), os militares, ideologicamente, se sentiam no direito (se não no dever) de interferir em todas as questões que diziam respeito à vida social do Brasil. Nesse sentido, a intervenção política seria necessária pelo bem da sociedade. Isso explica a questão da censura como mecanismo imprescindível para calar tudo aquilo que

¹¹⁹ APOTEÓTICA MENSAGEM DOS CAMPEÕES. *Jornal do Piauí*. Teresina, 23 jun. 1970, ano XX, n. 3080, p. 01.

poderia ferir a moral do país. Por exemplo, o *Jornal do Piauí*, na edição do dia 20 de junho de 1970, aponta que a repreensão do regime era uma importante intervenção na luta contra aspectos de malefícios ao país: “O governo pundonoroso pretende lutar por meio da censura prévia contra a pornografia e a imoralidade¹²⁰”. E o futebol, avaliado pela propaganda como paixão nacional, era indispensável, na avaliação do governo, que houvesse a sua interferência na seleção brasileira, principalmente, no período conturbado pouco tempo antes da Copa do Mundo de 1970. Não obstante, após a demissão de João Saldanha a seleção brasileira fica sem treinador. Por isso, a equipe contou com a participação direta dos militares em seu comando.

Sob as influências dos militares, a CBD aumenta sua intensidade dos treinos no período em que a seleção estava sem técnico¹²¹. Porém, a ausência de um treinador não permaneceu por muito tempo, pois João Havelange contrata o técnico Mario Lobo Jorge Zagalo, que assume o cargo¹²², logo após a saída de João Saldanha, por não aceitar as posições do presidente da República. E o novo técnico fez logo questão de convocar o polêmico “Dadá Maravilha” para a vaga de atacante da seleção brasileira. E por saber que a sua chamada foi realizada através de cunho político, já que a imprensa destacava o interesse do presidente pela sua convocação, o jogador responde aos jornalistas, dizendo: “Minha responsabilidade é grande, pois represento o Atlético e sua torcida, além de ter a honra de ser preferido do presidente Médici¹²³”.

Nessa perspectiva, Zagallo, não se contrapôs às imposições vindas de “cima”. Conforme afirma Magalhães (2013), o técnico Zagallo soube resolver um conflito sem que isso prejudicasse sua imagem ou seu plano de trabalho, e assim pôde comandar a equipe sem atritos diretos. Enfatize-se que “João Sem Medo” não foi demitido por erros cometidos através do seu perfil profissional, mas pela sua fidelidade ideologia que não se ajustava aos objetivos do presidente Médici.

4.2 O Dia e Jornal do Piauí: propaganda (des)velada do governo Médici no período da Copa do Mundo de 1970

¹²⁰ JORNAL DO PIAUÍ, Teresina, 20 jun.1970, p. 04.

¹²¹ O Documentário *Memória do chumbo: o futebol nos tempos de condor - Brasil*, aborda que aos militares da área técnica, juntam agentes ligados à repressão e inteligência. Dá-se, então, a construção de uma tecnocracia, que representa o progresso, e uma segurança nacional, pela presença de militares, com intenção de fiscalizar e controlar a seleção. (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JYPGMktWMnc>. Acesso em: 09 dez. 2015).

¹²² Na época, Zagalo era um ex-jogador que conquistou as Copas do mundo de 1958 e 1962 pela seleção brasileira, atuando como ponta-esquerda.

¹²³ Guterman (2010, p.170), apud *O Estado de São Paulo*, 01 de Maio 1970, contracapa.

As Copas do mundo são eventos esportivos ocorridos de quatro em quatro anos, e que mobiliza grande parte do país. No ano 1970, a competição era a segunda ocorrida durante o regime militar. Nesse período, as matérias jornalísticas da imprensa piauiense, principalmente, o *Jornal do Piauí*, sem deixar de exibir suas notícias diárias sobre política e sociedade, para boa parte dos piauienses. Os editores dos jornais destacavam notícias avaliadas como problemas sociais e a intervenção política. A veiculação de notícias também relacionava o desempenho e as expectativas sobre a participação da seleção brasileira, no México, ao envolvimento popular e ao Brasil.

O *Jornal do Piauí*, na edição do dia 09 de junho de 1970, destaca a vitória da Seleção Brasileira na segunda rodada da Copa do Mundo do mesmo ano, sobre a atual campeã Inglaterra e a independência financeira do país na mesma matéria: “[...] linda a vitória do Brasil [...]. E de fato o futuro está chegando somos um país que marcha para a autossuficiência. Em poucos anos seremos totalmente independentes e livres”¹²⁴.

O mesmo jornal, em 21 de junho de 1970, às vésperas da final frente à Itália, destacava em uma de suas páginas o Brasil como grande fonte humana, por possibilitar o surgimento de excelentes figuras de popularidade mundial: “Deste Brasil gigante, de atletas de poder criativo, que se descortina esportivamente para merecer o respeito dos seus tradicionais adversários da bola, minha gente. SALVE A SELEÇÃO!”¹²⁵. Na edição do dia 23 de junho de 1970, aborda um trecho do Hino Nacional, e os atletas são evidenciados como “super-homens”, por “lutarem” na Copa do Mundo de 1970: “heroica e bravamente souberam lutar pela Pátria amada, demonstrando numa altivez sem par, que somos, na verdade GIGANTES PELA PRÓPRIA NATUREZA”¹²⁶.

Nesse sentido, nota-se que as notícias veiculadas pelos jornais piauienses interessavam o governo civil-militar, por serem capazes de formar a opinião pública, no momento da euforia de boa parte da população brasileira que acompanhava os jogos da seleção. As matérias de jornais, nesses casos transmitidos pelo *Jornal do Piauí*, assimilavam o sucesso da seleção brasileira na Copa de 1970 aos projetos de grandeza do governo. De acordo com Amazarray (2011), a apropriação da mídia serviu, igualmente, para o governo de Médici

¹²⁴ MORAES, Herculano. No Pôsto da Escuta. *Jornal do Piauí*. Teresina, 09 de Jun. 1970, ano XIX, n. 370, p. 06.

¹²⁵ Brasil, meu TRI. *Jornal do Piauí*. Teresina, 21 de jun. 1970, ano XIX, n.3080, p. 10.

¹²⁶ JORNAL DO PIAUÍ. Teresina, 23 de Jun. 1970, ano XIX, 3080, p. 01.

como uma chance de promover a imagem do país vencedor para seu povo, buscando aumentar a autoestima nacional, e RODRIGUES, 1993, p.60m momentos de tortura, censura e repressão.

Porém, antes do início da Copa do mundo de 1970, grande parte dos brasileiros estava ansiosa. As expectativas em torno do futebol só aumentavam porque a seleção brasileira participava da sua nona Copa do Mundo e buscava o tricampeonato mundial. Para conquistar a taça, a seleção brasileira precisava derrubar a então campeã Inglaterra que se encontrara no mesmo grupo e era considerada como umas das favoritas ao título¹²⁷.

A competição também contava com a participação da Itália e Uruguai que, ao lado do Brasil, tinham dois títulos mundiais de futebol. Cada uma destas seleções buscava o tricampeonato e a possibilidade real de ficar com a taça definitivamente¹²⁸. Bem próximo dessas grandes rivalidades existiam também péssimo histórico, já que a seleção do Uruguai tinha derrotado a seleção “verde e amarela” no final da Copa do Mundo de 1950, em pleno Maracanã com um público de 173.850 pagantes¹²⁹.

Nelson Rodrigues (1993), em sua crônica esportiva “Complexo de vira-latas”, publicada na revista *Manchete Esportiva*, em 31 de maio de 1958, declara que desde 1950 “o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro”¹³⁰. Essa memória negativa estaria viva, doze anos depois, na mente dos brasileiros que acompanhava a Copa do Mundo de 1970 e temia um novo confronto frente ao grande adversário sul-americano, o Uruguai.

A Copa do Mundo de 1970 representaria uma “batalha” para os brasileiros. Na ótica de muitos torcedores, a seleção brasileira enfrentaria dificuldades, ou seja, equipes bem preparadas na competição. Essa imagem que se formava sobre o envolvimento popular no campo esportivo serviu para que os editores de jornais apontassem as “rivalidades” presentes na sociedade brasileira. As matérias jornalísticas mostravam outro “adversário” para o Brasil, fora dos campos esportivos da Copa do mundo, no México, o comunismo.

¹²⁷ A Copa do mundo de 1970, contou com participação de 16 seleções, sendo que foram formados 4 grupos com 4 equipes cada. O grupo do Brasil era o Grupo 03 que, além da Inglaterra, tinha a seleção da Tchecoslováquia e da Bulgária. As duas melhores seleções avançariam para a próxima fase, porém as duas piores seria eliminadas.

¹²⁸ A Itália foi campeã mundial em 1934 e 1938; o Uruguai, em 1930 e 1950; E o Brasil, em 1958 e 1962.

¹²⁹ SELEÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Disponível em: <http://selecao.cbf.com.br/noticias/selecao-masculina/brasil-x-uruguai-selecao-brasileira-leva-a-melhor-no-confronto#.VmiGHLgrLIU>. Acessado em: 09 de dezembro de 2015.

¹³⁰ RODRIGUES, 1993, p.60,

Segundo Carvalho¹³¹, para os militares o inimigo não era externo e isso o tornava ainda mais perigoso, porque ele agiria dentro da própria pátria como uma negação da mesma, ou seja, atuaria contra o Brasil. Ele agiria de forma organizada, atacando pontos-chaves no Brasil. Além dos militares, os jornalistas da imprensa piauiense eram contrários à ideologia comunista e, por isso, obteve um histórico de produção de matérias jornalísticas que combatiam o comunismo, através das suas comunicações. De acordo com Oliveira (2007), a partir de 1963, o jornal *O Dia* era propriedade do Coronel Otávio:

O jornal muda de linha editorial, acentuando críticas ao comunismo. A partir de 1964 a 1966, acontece uma explosão de discursos anticomunista no jornal. As reportagens que nos anos anteriores poderiam ser cortadas, apesarem se sempre terem uma importância no jornal (em sua grande maioria eram vinculadas em matérias de capa), chegaram a tal nível em 1964, que em cada página do jornal existia nem que fosse uma pequena nota contra o comunismo. Este fato em uma explicação, o golpe civil-militar utilizou o discursos anticomunista para se legitimar e por aqui no Piauí não foi diferente.¹³²

Dessa forma, nota-se que o dono do jornal *O Dia*, o Coronel Otávio, que apoiava o regime civil-militar, ao lado diretores e editores, apresentavam constantemente notícias criticando o comunismo. Da mesma maneira, o jornal foi utilizado como instrumento de reprodução de ideias anticomunistas, desde o período do golpe ao Governo de Médici. Pois, durante os “anos de chumbo” grande parte dos meios de comunicações, interessando Médici, produziam notícias maculando a imagem dessa ideologia.

E um dos acontecimentos mais reproduzidos pelos jornais, que envolveram os comunistas, foi o sequestro do embaixador alemão Ehrenfried Von Holleben, trocado pela soltura de presos. A edição do *Jornal do Piauí*, em 16 de junho de 1970, publicou na mesma página notícias relacionadas ao sequestro do embaixador alemão e “espetacular vitória da seleção contra o Peru”, como pode ser visualizado na próxima página dessa monografia na Figura 4:

¹³¹ 2014, p. 38.

¹³² OLIVEIRA, 2007, p. 63.

OS INIMIGOS DO BRASIL SÃO TROCADOS PELO EMBAIXADOR

O Brasil, através do Presidente da República, para a salvaguarda do Embaixador da Alemanha, Ehrenfried Von Holleben, aceitou trocar os prisioneiros políticos, em número de 40, exigidos pelos sequestradores [...]. São pois estes, os inimigos da pátria tiveram a sua libertação exigida em troca à vida do Embaixador alemão e que o Presidente da República aceitou, já tendo os mesmos embarcado do Brasil para o exterior. Lamentamos que o Brasil ainda tenha tão maus patriotas, capazes de um vandalismo aterrador e covardia como esta agora usada contra a própria nação.¹³³

Na página 04, da edição do *Jornal do Piauí* de 16 de junho de 1970 também é publicada uma matéria sobre futebol noticiando a vitória da seleção brasileira, nas quartas de final da Copa do mundo de 1970, sobre a seleção peruana. E as expectativas sobre a semifinal, onde a seleção “verde a amarela” enfrentaria o seleção do Uruguai, apontada como “terrível adversário”.

A ESPETACULAR VITÓRIA DO BRASIL CONTRA O PERU

A seleção do Brasil que ora defende as cores nacionais no mundial de 70, conquistou mais uma vitória nessa tarde de domingo ao derrotar a seleção do Peru pelo marcador de 4 tentos a dois, marcados por Tostão 2, Rivelino 1 e Jairzinho 1, numa partida que impressionou a torcida internacional não apenas pela precioso das jogadas das mais sobretudo da segurança com que atuou o time brasileiro. [...]. Para amanhã quarta feira, teremos mais uma partida, dessa vez frente ao Uruguai, velho terrível adversário que se não puder fazer jogo de classe, dará pancadaria em termos, o negócio não é de brincar.¹³⁴

Nesse sentido, infere-se que na mesma página em que se falava da política, falava-se também do futebol como uma estratégia discursiva para que o leitor ficasse ciente sobre a maior paixão do brasileiro, o futebol, e dos problemas do período ditatorial.

Segundo a ideologia da ditadura, o termo “inimigo” servia como uma tática de identificação daqueles que não se encaixavam ao ideal patriótico, num período de divergências políticas e sociais. Estratégia capaz de transparecer quem era amigo ou opositor da “coesa” nação brasileira, que cantava “todos juntos vamos, pra frente Brasil” em plena Copa do Mundo. Para o governo ditatorial, esse “inimigo” era como uma força negativa ao Brasil, formado por ativistas que visavam derrubar o governo conservador do nacionalismo, e provocar uma “revolução”, levando o país ao retrocesso e à depravação moral, além de realizar sequestros que envergonhavam o país.

¹³³ INIMIGOS DO BRASIL. *Jornal do Piauí*, Op. Cit., 1970.

¹³⁴ INIMIGOS DO BRASIL, loc. cit.

Na informação da matéria jornalística de *O Dia*, do dia 16 de junho de 1970, os “revolucionários” são representados como autores de atitudes que feriam o nacionalismo, em pleno período de realização em plena da Copa do Mundo, com a euforia popular. Ao contrário dessa péssima postura dos sequestradores, mostrada através da matéria, nota-se imagem do perfil de homem brasileiro, Médici, que é representado como um herói negociando com os “inimigos do Brasil” e a favor vida do estrangeiro alemão.

Dessa forma, nota-se que no período em que acontecia a Copa do mundo de 1970, o jornal *O Dia* e o *Jornal do Piauí* dava uma visibilidade positiva ao “salvaguarda”, Médici, se opondo às tensões do Brasil causadas pelos comunistas. Percebendo-se um claro posicionamento contrário dos editores do jornal à ideologia de esquerda, compatível com a postura dos militares que, além de opostos aos “subversivos”, interviam nessas situações conflituosas. Os militares se sentiam no dever em estabelecer a “ordem” em momentos de crises para retomar a harmonia social do país. E mesmo que esse estabelecimento da “ordem” fosse realizado com tortura, repressão ou exílio, fatos da realidade brasileiros ocultados pela imprensa piauiense, na matéria do *Jornal do Piauí* a iniciativa de Médici foi a negociação.

Assim, a participação da seleção brasileira na Copa do mundo de 1970, no México, e as ações realizadas pelos comunistas, no Brasil, parte dos meios de comunicações veiculavam notícias se encaixam no projeto da ditadura civil-militar. De acordo com Magalhães (2013), o Governo Médici buscava em meio a essas tensões “a busca pela paz política e social com luta pela desarticulação de movimentos de luta revolucionária”¹³⁵. E compartilhando dessa mesma ideia, Marcos Guterman (2004), afirma:

A Copa do Mundo de 1970 flagrou o regime militar no momento em que este se propunha a ser o garante da segurança e da paz internas para o desenvolvimento do país – o que, trocando em miúdos, significava esmagar todos os movimentos de subversão da ordem, ao mesmo tempo em que se desenrolava uma campanha cujo objetivo era destituir os brasileiros de sua condição de indivíduos, reunindo-os sob o manto indiscutível da nacionalidade.¹³⁶

A Copa do Mundo de 1970 serviu como uma possibilidade para a mídia aplicar táticas para transparecer os “inimigos” no Brasil. As matérias jornalísticas mostravam os comunistas como subversivos que penetraram no país, causando desordem. O governo era apontado como apaziguador das agitações causadas pelos “revolucionários”. De tal maneira, o governo civil-

¹³⁵ MAGALHÃES, 2013, p. 102.

¹³⁶ GUTERMAN, 2004, p.275.

militar buscava enfatizar, além da imagem de uma luta contra a desordem, ações positivas aos brasileiros, por exemplo, através da televisão como sinônimo de progresso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar que não é de interesse do pesquisador estabelecer aqui conclusões definitivas acerca das questões levantadas nessa monografia. Conforme analisado, o objeto de estudo problematizado pretendia dar visibilidade aos jornais *O Dia e o Jornal do Piauí* através das suas matérias jornalísticas que abordavam sobre assuntos do Brasil no ano 1970, em especial, futebol e política, sob o monitoramento do governo que, quando considerava necessário, aplicava a censura. Os editores das matérias jornalísticas souberam como associar a imagem do Presidente da República, Médici, ao futebol que já nesse período era admirado para muitos brasileiros.

A seleção brasileira disputava a sua nona Copa do mundo e tinham a chance de ser tricampeã e permanecer com a taça *Jules Rimet*. Nesse período, vivia-se no Brasil o auge da ditadura civil-militar, dirigido por Médici sob o apoio da classe média alta brasileira. Viviam-se os “anos de chumbo” no país. A política do governo Médici, símbolo do “milagre econômico”, buscou popularidade, investindo em uma rede de propaganda, talvez, jamais vista no território nacional. Médici procurava reproduzir a ideia de um Brasil unido que, devido à harmonia interna e o estímulo ao orgulho nacional e patriótico, almejava a sustentação do seu governo. E, quando essa paz era ferida, os comunistas eram taxados de inimigos da pátria, tornando-se uma tática de ataque à oposição.

Através da pesquisa percebeu-se que no século XX, no Brasil, outros grupos sociais se apropriaram do futebol para interesses próprios. Na chegada do futebol ao Brasil, em 1894, o esporte passa a ser praticado por uma minoria elitista branca. Os jogadores e pessoas ligadas ao esporte mantiveram o exclusivismo sobre o futebol. As elites praticavam o esporte sob o caráter amador como ato de lazer e exibicionismo e, à medida que surgiram as torcidas, as mulheres ocupavam as arquibancadas dos estádios. Nunca dentro do campo esportivo. O esporte apropriado apenas pela elite tornava-se uma maneira de distinção social. Porém, muitos, ex-escravos, negros, mulatos, operários, se apropriaram da prática como uma estratégia visando uma vida financeira melhor e na busca por “igualdade” social. Símbolo desse comportamento foi o mulato Friedenreich que, além de ascender-se socialmente, conseguiu estimular a “popularização” do futebol, tornando-se, também, o primeiro grande craque do Brasil. A partir da terceira década do século XX muitos jogadores e torcedores consideravam o futebol como esporte “popular”.

Crete que todo trabalho acadêmico deixa lacunas em torno do objeto de estudo investigado, esta monografia não é diferente, assim surgem questionamentos: quem foram as primeiras ex-escravas, mulatas, operárias, enfim, mulheres componentes de grupos sociais marginalizados, a praticarem o futebol no Brasil? É possível que com a difusão do futebol às margens das grandes cidades, as mulheres negras e/ou pobres se interessaram pela prática esportiva? Pelo visto, a monografia não é o final, mas o começo de uma pesquisa. E, apesar de não se ter ideia sobre o início da presença feminina pós-escravidão, nota-se que devido à prática do futebol ser realizada por grupos sociais marginalizados, o futebol cresceu pelo país. A prática esportiva se difundia pelo Brasil ganhando aproximação e admiração, inclusive, dos políticos da ditadura civil-militar, em 1970, com o apoio de alguns órgãos da imprensa piauiense, por exemplo, *O Dia* e o *Jornal do Piauí*.

Os editores dos jornais *O Dia* e o *Jornal do Piauí* através das matérias jornalísticas no período da Copa do mundo de 1970 reproduziram a política da ditadura civil-militar sob a administração política do Governo Médici. Ao se apropriarem das temáticas que envolviam a seleção brasileira, acabavam construindo uma imagem positiva de Médici e do ideário do regime sobre os brasileiros, unidos, que copunham um elo ao orgulho nacional e ao patriotismo, em meio aos “anos de chumbo”. Os jornais *O Dia* e o *Jornal do Piauí* aplicaram estratégias para macular a imagem do comunismo apresentando os indivíduos simpatizantes dessa ideologia como “subversivos”, como sujeitos que prejudicavam o “clima de passividade” nos jogos da seleção brasileira, enquadrando ao ideário do governo em ataques a oposição e, da mesma forma, favoreciam a censura do governo como uma forma de apoio ao avanço social. Ou seja, incentivavam a legitimação da ditadura que, da mesma forma, os editores dos jornais, confirmavam avanço financeiro.

Nas veiculações de notícias, os jornais *O Dia* e o *Jornal do Piauí* publicavam matérias sobre as vitórias da seleção brasileira, algumas vezes aproximando o futebol ao regime ditatorial, destacando o governo de Médici como símbolo do avanço econômico brasileiro que espelhava o “milagre econômico” e que teria possibilitado o surgimento de novidades, entre elas, a televisão. Apesar de a TV ser aproveitada como um meio de comunicação útil para destacar o “crescimento financeiro” dos brasileiros, ela também serviu para identificar a desigualdade socioeconômica brasileira existente naquele período. De fato, durante a administração política do Governo Médici houve o “milagre econômico”, que aumentou economicamente a situação financeira, porém, de uma minoria representada pela classe média e alta do país. Assim, infere-se que Médici, diante da até então recente administração, se

apropriou da imprensa piauiense para uma divulgação bem elaborada da sua política de governo.

REFERÊNCIAS

Artigos

CANELE, Vitor dos Santos. Da frustração à glória: o futebol-arte e a modernização nas crônicas de João Saldanha. (orgs) GIGLIO, Sérgio Settani e SILVA, Diana Mendes Machado da. **O Brasil e as Copas do Mundo**.-1.ed.-São Paulo: Zagodoni, 2014.

CODATO, Adriano Nervo; OLIVEIRA, Marcus Roberto de. A marcha, o terço e o livro: catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. 2004.

CORDEIRO. Janaina Martins. Anos de Chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici. **Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro**, vol. 22, nº 43, janeiro-junho de 2009, p. 85-104. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1546>

DANTAS JUNIOR, Hamilcar Silveira. Futebol e ditadura: representações no cinema brasileiro. **O Olho da História**, n. 18, Salvador (BA), julho de 2012.

FERREIRA, João Fernando P. A Copa de 70, o governo Médici e a construção do morenã. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, 2011. Disponível em:http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300380338_ARQUIVO_Tomadocom_oumcaminhopossivelparaaanalisedasociedade01.pdf.

GUTERMAN, Marcos. Médici e o Futebol. A utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do Regime Militar. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História**. São Paulo, (29) tomo 1, p. 267-279, dez. 2004. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/9958>.

LOURENÇO. Rafael de Oliveira. A Sociedade do Espetáculo ilustrada pelas dimensões da representação do futebol no Brasil: os anos de chumbo e a globalização. **Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XI Encontro dos GP em Comunicação**. Recife, 2011. Disponível: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0272-1.pdf>

MONTAGNA, Wilson. A Doutrina da Segurança Nacional. **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História**. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12296/8904>. Acesso em: 19 de jan. 2013.

NASCIMENTO, Ingrid Faria G.; MENDES, Bárbara Gonçalves; NAIFF, Denis Giovani M. “Salve a Seleção”: ditadura militar e intervenções políticas no país do futebol. **Psicologia e Saber Social Ferramenta de Leitura**, 3(1), 143-153, 2014. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/rt/captureCite/12211/9512>.

NASCIMENTO, Paulo Henrique. A COPA DO MUNDO DE 1938: NACIONALISMO E A IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA EM CAMPO. **Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo**, n.30, 2008.

NAVES, Laura Maria. **O Papel da Aerp na Construção da Identidade Nacional: Análise das Propagandas Políticas Durante o Governo Médici**. Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.unicentro.br/redemc/2012/artigos/41.pdf>.

PEREIRA, Camila Konrath. Pra Frente Brasil Ditadura militar, identidade e copa de 70. **Repositório Digital**. Porto Alegre, 2012. Disponível: http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/94461?locale=pt_BR.

ROCCO JÚNIOR, Ary José. Novas tecnologias e torcidas virtuais: a transformação da cultura do futebol no século XXI. **INTERCOM**. Belo Horizonte, 2003. Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP18_rocco.pdf.

TERCIOTTI, Talita Vidigal. Futebol e nacionalismo na revista Veja (1969-1970). **III encontro nacional de Estudos da Imagem**. Londrina – PR, 2011. Disponível: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Talita%20Vidigal%20Terciotti.pdf>

TOLEDO, Caio Narrado. Brasil: do ensaio ao golpe (1954-1964). Revista **Brasileira de História**. v. 24, n. 47, p. 13-2, São Paulo, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n47/a02v2447.pdf>

SALUN, Oscar. Esportes e propaganda política na década de 1930. Revista de Artes e Humanidades. São Paulo, n.10, Maio 2012. Disponível em: <http://www.revistacontemporaneos.com.br/n10/artigos/esportes-propaganda-politica.pdf>. Acesso em: 17.Set. 2015.

SANTOS AUGUSTO, Emília Carolina dos. Olho no lance: futebol e modernidade na crônica de Lima Barreto. **Usos do Passado - Anpuh Rio de Janeiro**. Disponível em: www.rj.anpuh.org/resources/tj/Anais/2006/conferencias/Emilia%20Carolina%20Bispo%20dos%20Santos%20Augusto.pdf.

Resenha

SILVA, Rafael. **Vencer ou Morrer: Futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <https://pethistoriapuc.files.wordpress.com/2009/12/agostino-gilberto-vencer-ou-morrer-rafael-silva.pdf>. Acesso: 06 de jan. 2016

Livros

GASPARI, Elio. **A Ditadura derrotada**. Companhia das letras, São Paulo, 2003.

GASPARI, Elio. **A Ditadura escancarada**. Companhia das letras: São Paulo, 2002.

GUTERMAN, **O Futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. 1º reimpressão. –São Paulo: Contexto, 2010.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e identidade nacional**. Brasiliense. São Paulo, 2006.

REIS FILHO, Daniel Arão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. RJ, Jorge Zahar, 2000.

RODRIGUES, Nelson, 1912 – 1980. **À sombra das chuteiras imortais:** crônicas do futebol/Nelson Rodrigues: seleção e notas Ruy Castro. Companhia das Letras, São Paulo, 1993.

Capítulos de livro

BORGES, Nilson. A doutrina de segurança nacional e os governos militares. In: **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX.** FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 22.

FICO, Carlos. Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. In: (orgs) FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano. O tempo da ditadura.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

OLIVEIRA, Marylu Alves. **Contra a foice e o martelo:** considerações sobre o discurso anticomunista piauiense no período de 1959-1969: uma análise a partir do jornal “O Dia”. Fundação Cultural Monsenhor Chaves, Teresina, 2007.

PANDOLFI, Dulce Chaves. Os comunistas e o Golpe. In: **21 anos de regime militar: balanços e perspectivas.** SOARES, Gláucio Ary Dillon e ARAÚJO, Maria Celina D. (orgs). 1ª. Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania:** uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902 – 1938. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2000.

PERICÁS, Luiz Bernado. Capitalismo dependente e Revolução em Cuba. In: **América Latina: encruzilhadas da história contemporânea.** COGGIOLA, Osvaldo (Org). São Paulo: xamã, 2003.

Napoleão, Antônio Carlos. **O Brasil de todas as Copas 1930 – 2010.** Ministério do Esporte, Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/arquivos/ascom/publicacoes/OBrasilTodasCopasPortugues.pdf>.

NOVAIS, Fernando A; SEVCENKO, Nicolau. **História da Vida Privada no Brasil 3:** República – da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 514p a 614p.

Documentários

Memórias de chumbo no Brasil. Produção, reportagem e roteiro: Lúcio de Castro. Imagens: Luís Ribeiro e Rosemberg Farias. Edição: Fábio Calamari e Alê Vallim. Narração: Luís Alberto Volpe. Arte: Stela Spironelli. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cViE1fZ3tzA>.

O dia que durou vinte e um anos. Direção: Camilo Galli Tavares. Roteiro: Flavio Tavares. São Paulo: pequi Filmes, 2012. 1 DVD (Série para TV - 52 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xrfzJIN7Zb0>.

Monografia

AMAZARRAY, Igor Chagas. Futebol: **O esporte como ferramenta política, seu papel diplomático e prestígio internacional.** Trabalho de conclusão de Curso. UFRGS. Porto Alegre, 2011. 70p.

AVILA, Alexandre da Silva. **Futebol em tempos de ditadura: Correio do Povo e a Copa de 1970**. 2013. 46f. TCC (Curso de História). Faculdade Porto Alegrense, Rio Grande do Sul, 2013. 46p.

MENDES, José Paulo. **Urubus X SEP (sociedade esportiva de picos): As relações entre futebol e política na cidade de Picos de 1989 a 1992**. 2014. 65p. Monografia (Curso de História) – Universidade Federal do Piauí/Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, UFPI, Picos.

SOUSA, Maria Gleyciane Barbosa de. **História e memória das ex-jogadoras de futebol de picos: Lazer, esporte e sociabilidade das mulheres picoenses nos anos 1980**. 2015. 76p. Monografia (Curso de História) – Universidade Federal do Piauí/Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, UFPI, Picos.

RICALDE, Douglas N. **A crônica esportiva de Nelson Rodrigues**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, Porto Alegre, 2007. 62p.

Dissertações de Mestrado

CAFÉ, Lucas Santos. **Dos simpaticíssimos aos incivilizados: a formação do cenário futebolístico na cidade de Salvador (1895-1918)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2013.

CARVALHO, Tamiris. **Entre o Nacionalismo Político e o Nacionalismo Econômico: representações do Brasil na revista Veja (1968-1974)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM- RS), 2014.

GONÇALVES JUNIOR, René Duarte. **Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e virada na fundação da metrópole**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GUTERMAN, M. **O Futebol explica o Brasil: o caso da copa de 70**. Dissertação (mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

NEGREIROS, Plínio José L. C. **Resistência e Rendição - A Gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo - 1910-1916**, Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo 1992.

SANTOS, Daniel de Araujo. **Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol**. Dissertação (Mestrado em História), – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais, 2012.

Teses de Doutorado

COUTINHO, Renato Soares. **Um Flamengo grande, um Brasil maior: o clube de regatas do Flamengo e o imaginário político nacionalista popular (1933-1955)**. Tese (tese de doutorado submetida ao programa de pós-graduação em História)-Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

GAMBETA, Wilson Roberto. **A bola rolou: o Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol 1895 -1916.** Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

LIMA, Nilsângela Cardoso. **Relações de poder e práticas jornalísticas em *O Dia*, *A Cidade e Jornal do Piauí* (1951 A 1954).** Tese (Doutorado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2014.

MAGAHÃES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2013.

NEGREIROS, Plínio José L. C. **A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40.** Tese de Doutorado – Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, São Paulo, 1998.

SILVA, Eliazar João da. **A seleção brasileira de futebol nos jogos da copa do mundo entre 1930 e 1958: o esporte como um dos símbolos de identidade nacional.** Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, 2014.

Sites:

AUTOBIOGRAFIA DE ARTHUR FRIEDENRICH. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rIZRNjm0XUw>. Acesso: 01 de fev.2015.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6209/lima-barreto>

FAIRPLAY E COMPETIÇÃO NO ESPORTE. Disponível: <http://era.org.br/2012/07/fairplay-e-competicao-no-esporte>

GRÊMIO ESPORTIVO BAGÉ. Disponível em: <http://futebolbagonal.blogspot.com.br/2014/12/gremio-esportivo-bage.html>.

HISTÓRIA BRASILEIRA. Disponível em: <http://www.historiabrasileira.com/ditadura-militar/passeata-dos-cem-mil>

HISTÓRIA DO FUTEBOL PIAUIENSE. Disponível em: http://www.campeoesdofutebol.com.br/hist_fut_piaui.html

LAAMARALL, Memorial SPAC Charles Miller. Disponível em: <http://netleland.net/tag/banister-court-school>.

POSTS TAGGED BANISTER COURT SCHOOL MEMORIAL SPAC CHARLES MILLER. Disponível em: <http://netleland.net/tag/banister-court-school>

RODA VIVA, 1987, TV Cultura. Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=jo%C3%A3o+saldanha+roda+viva.

TV Cultura, “Friedenreich, o primeiro grande craque do Brasil”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1BMrR1sxjAE>.

Fontes hemerográficas:

Jornal O Dia
Jornal do Piauí



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, Jailson de Sousa Valentim,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
"Brasil, o país do futebol": política, sociedade e futebol nas
páginas dos jornais O Dia e Jornal do Piauí no período do Governo Médici
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 22 de Novembro de 2016.

Jailson de Sousa Valentim
 Assinatura

Jailson de Sousa Valentim
 Assinatura